

Reminiscências: o passado no presente



Paulo Neto

Reminiscências:

O Passado no Presente

(Versão 4)

“Quando temos uma ideia preconcebida sobre determinado ponto, nada enxergamos além dos limites que ela nos impõe; em razão disso não enxergamos o óbvio.” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

(mos)

Copyright 2024 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

<https://i.pinimg.com/564x/da/29/10/da2910db7c8a3fd616c47577ecb709b7.jpg>

Revisão:

Artur Felipe Ferreira
Hugo Alvarenga Novaes
João Frazão de Medeiros Lima
Paulo Cesar Pfaltzgraff Ferreira

Diagramação:

Paulo Neto
site: <https://paulosnetos.net>
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, julho/2024.

Sumário

Prefácio.....	4
Introdução.....	6
Na Codificação não se diz que as experiências de vidas anteriores sejam deletadas.....	14
Casos de encarnados que se lembraram de vida pregressa.....	29
Reminiscências: o passado no presente.....	48
O que são os gênios?.....	88
Estranhas ações precoces de crianças.....	100
Conclusão.....	120
Referências bibliográficas.....	127

Prefácio

Mais uma obra e pesquisa de peso que, com certeza, vai causar muita indagação (ou indignação?) pelo tema abordado, pois vai levar o leitor (refratário ao tema reencarnação e, até mesmo, o que nela acredita) a refletir sobre um assunto que perturba muita gente, que é o porquê de não nos lembrarmos do que fomos em vidas passadas, já que não temos consciência de fatos ocorridos em “alegadas” existências anteriores.

Assim, sugerimos aos que não acreditam na reencarnação e aos que ainda tenham dúvidas sobre o tema aqui abordado, que façam uma acurada leitura desse livro, como fazíamos no meu tempo de colegial em que estudávamos bastante um assunto, visando “pegar no pulo” algum professor que se considerava “sabichão”; só peço a quem não concordar com o entendimento do autor que reflita sobre o conteúdo da pesquisa por ele efetuada e tire suas próprias conclusões, deixando de lado qualquer ideia preconcebida.

Feito isso, parabênizo o autor pelo alentado estudo feito, baseado em fatos apresentados na literatura

espírita e leiga.

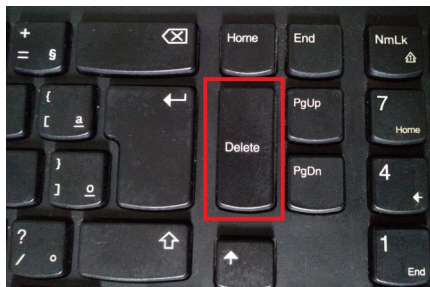
Finalmente, desejo a todos uma boa leitura.

João Frazão de Medeiros Lima
São Paulo, 02 de agosto de 2024.

Introdução

O esquecimento do passado é um fenômeno que a maioria de nós, os espíritas, não temos nenhuma dúvida de que realmente acontece.

Entretanto, o que se percebe, alguns adeptos do Espiritismo pensam que ocorreria uma espécie de “delete”, quer dizer, as nossas aquisições através das inúmeras existências pretéritas seriam sumariamente apagadas de nossa memória integral à semelhança do que fazemos em um computador, quando a nossa intenção é a de apagar definitivamente um arquivo.



Não! De forma alguma é isso. Todas as nossas ações, sejam desta vida ou de pretéritas, estão gravadas em nosso inconsciente e, em razão disso, elas se manifestam como tendências ou

reminiscências, conforme exaustivamente veremos nas obras da Codificação Espírita.

Às vezes, ouvimos dizer que ao nascer o Espírito é “uma página em branco”, sim, é fato, mas não como um livro com todas as páginas em branco, mas já com milhares de páginas escritas, que representam a sua memória integral – o inconsciente –, onde se encontram gravadas todas as experiências vivenciadas ao longo de sua evolução intelectual e moral.

O notebook, que usamos como exemplo, tem duas memórias: a ROM e a RAM:

As memórias ROM (Read-Only Memory – Memória Somente de Leitura) recebem esse nome porque **os dados são gravados nelas apenas uma vez. Depois disso, essas informações não podem ser apagadas ou alteradas, apenas lidas pelo computador**, exceto por meio de procedimentos especiais. [...].

As memórias RAM (Random-Access Memory – Memória de Acesso Aleatório) constituem uma das partes mais importantes dos computadores, pois são nelas que **o processador armazena os dados com os quais está lidando**. Esse

tipo de memória tem um processo de gravação de dados extremamente rápido, se comparado aos vários tipos de memória ROM. [...]. ⁽¹⁾(Nas transcrições e no texto normal, todos os grifos em negrito são nossos; quando não forem, avisaremos.)

Podemos, por comparação, dizer que, semelhante ao notebook, o ser humano tem duas memórias: memória integral, que corresponderia à ROM, e a memória atual, relacionada a RAM.

Curioso é o que aparece nos relatos de Espíritos e nos de pessoas que passaram por uma EQM – Experiência de Quase Morte, que, em tempo muito curto, viram, como se fosse um filme, todos os atos de sua vida, tal e qual um programa de texto que o lê, antes de gravá-lo na memória ROM.

Se prestassem mais atenção, veriam que, se isso realmente acontecesse, não haveria como progredir, pois a cada nova encarnação começar-se-ia do zero, se assim podemos dizer.

A verdade é que o Espírito não reencarna como se fosse uma página em branco num livro vazio, traz consigo, por meio das reminiscências, todo o seu

passado, que deságua sobre a personalidade atual sob a forma de tendências, às quais se torna prisioneiro, sendo-lhe impossível delas escapar. Por isso, deve esforçar-se para eliminar as más tendência, a fim de que sobressaíam apenas as boas.

Em **O Livro dos Médiuns**, Segunda Parte, cap. XXVI – Perguntas que se podem fazer aos Espíritos, item 290, também encontramos algo que merece ser citado:

15-b. *Já que não podemos conhecer a nossa individualidade anterior, segue-se que também **nada podemos saber** sobre o gênero da existência que tivemos, a posição social que ocupamos, **as qualidades e os defeitos que em nós predominaram?***

“Não, isso pode ser revelado, porque dessas revelações podeis tirar proveito para vos melhorardes. Aliás, **estudando o vosso presente, podeis deduzir por vós mesmos o vosso passado.**” [...]. ⁽²⁾
(itálico do original)

Entendemos que se “*estudarmos o presente, podemos deduzir o que fomos no passado*” é pelo fato de que a mudança moral, que tentamos levar a

efeito, acontece de forma lenta e gradativa, uma vez que o nosso progresso não ocorre por saltos.

Por outro lado, dá para entender que as nossas tendências são exatamente reminiscências arquivadas em nosso inconsciente. Veremos que no sono também se pode lembrar do passado ⁽³⁾. Eis aí a prova de que as nossas experiências anteriores não são deletadas, razão pela qual sempre teremos muito do que fomos em vidas pregressas.

No tópico “Esquecimento do passado” constante do cap. V – Bem-aventurados os aflitos de ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, Allan Kardec (1804-1869) explica:

11. É em vão que se objeta que o esquecimento constitui um obstáculo para que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Se Deus julgou conveniente lançar um véu sobre o passado, é que isso devia ser útil. Com efeito, essa lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos excessivamente, ou, então, exaltar o nosso orgulho, entrando assim o nosso livre-arbítrio. Em todo caso, provocaria inevitável perturbação nas relações sociais.

O homem traz consigo, ao nascer, aquilo que adquiriu; nasce como se fez.

Cada existência é, para ele, um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se é punido, é porque fez o mal. **Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta corrigir em si próprio** e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, pois, daquilo de que se corrigiu completamente, não restará mais nenhum sinal. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, que o adverte do que é bem e do que é mal, dando-lhe forças para resistir às tentações.

Ademais, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Retornando à vida espiritual, o Espírito recobra a lembrança do passado. Trata-se, portanto, **apenas de uma interrupção temporária**, semelhante à que se dá na vida terrena durante o sono, e que não nos impede de lembrar, no dia seguinte, o que fizemos na véspera e nos dias precedentes.

Não é somente depois da morte que o Espírito recobra **a lembrança do passado. Pode-se dizer que jamais a perde, pois a experiência demonstra que, mesmo encarnado, o Espírito goza de certa liberdade durante o sono e tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre justamente.** A lembrança somente se apaga no curso da vida exterior de relação.

Mas, na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicar suas relações sociais, ele haure novas forças nesses instantes de emancipação da alma, se souber aproveitá-los. (4)

Portanto, a nossa conexão com as experiências em vidas pretéritas pode também ser comprovada pelos instantes em que nossa alma se emancipa do corpo, momentos nos quais o passado pode se fazer presente em nossa mente. Como dito, essa ocorrência é mais comum no sono.

É um novo ponto de partida, sem desconsiderar que na vida anterior ele deu o último passo, para reiniciar na nova encarnação, na qual traz todas as aquisições de outras vidas, como dito “nasce como se fez”, assim, jamais partirá do ponto zero.

Entretanto a ideia dominante em nosso meio, felizmente, é a de que as nossas reencarnações se ligam umas às outras, de tal forma que podemos dizer que, na verdade, hoje não somos senão o produto do somatório de nossas aquisições

anteriores.

Obviamente, que essa visão encontra total respaldo nas instruções dos Espíritos que participaram da Codificação Espírita.

Informamos que esse ebook teve como base o teor de nossos artigos:

1º) “**Reminiscências do passado nunca deixarão de existir**”, publicado na *Revista Semanal de Divulgação Espírita O Consolador* nº 743, em 17 de outubro de 2021. ⁽⁵⁾

2º) “**Esquecimento do passado não é apertar a tecla delete**”, disponível em nosso site.
⁽⁶⁾

Na Codificação não se diz que as experiências de vidas anteriores sejam deletadas

Ver-se-á que, muito ao contrário do que se possa supor, a Codificação deixa claro que trazemos, em nossa bagagem, as experiências pregressas. Aliás, essas jamais se perdem, pois constituem o ponto inicial do progresso intelectual e moral a partir do qual avançamos.

No item VI de **O Livro dos Espíritos**, Allan Kardec (1804-1869), dentre vários pontos importantes da doutrina espírita, destacamos este:

– na sua volta ao mundo dos Espíritos, a alma encontra todos aqueles que conheceu na Terra, e **todas as suas existências anteriores se refletem na sua memória, com a lembrança de todo bem e de todo mal que fez.** ⁽⁷⁾

Ora, se ao voltar ao mundo do além-túmulo, a alma recorda, cada uma no seu tempo, de suas existências exteriores isso só poderá ocorrer pelo

fato de elas estarem gravadas no seu inconsciente, arquivo no qual estariam “localizadas” as experiências de sua vida na condição de Espírito que é. E, diante dessa óbvia conclusão, podemos afirmar que as nossas experiências pretéritas jamais são “deletadas”, mas, sim, ficam arquivadas na memória integral, denominada de inconsciente.

Vejamos as seguintes questões de **O Livro dos Espíritos**:

218. *O Espírito encarnado **conserva algum vestígio das percepções que teve e dos conhecimentos** que adquiriu nas existências anteriores?*

“Resta-lhe **uma vaga lembrança**, que lhe dá o que se chama *ideias inatas*.”

218-a. *A teoria das ideias inatas não é, portanto, uma quimera?*

“Não; **os conhecimentos adquiridos em cada existência não se perdem**; liberto da matéria, o Espírito sempre se recorda. Durante a encarnação, **pode esquecê-los em parte, momentaneamente; mas a intuição que deles guarda** lhe auxilia o progresso, sem o que estaria sempre a recomençar. Em cada nova existência, o Espírito toma como ponto de partida

aquele em que se encontrava em sua existência anterior.”

219. *Qual a origem das **faculdades extraordinárias dos indivíduos** que, sem estudo prévio, parecem ter a intuição de certos conhecimentos, como o das línguas, o do cálculo etc.?*

“**Lembrança do passado**; progresso anterior da alma, mas de que ela mesma não tem consciência. De onde queres que venham tais faculdades? O corpo muda, mas o Espírito não muda, embora troque de vestimenta.”

220. *Mudando de corpo, pode o Espírito perder algumas faculdades intelectuais, deixar de ter, por exemplo, o gosto das artes?*

“Sim, se corrompeu sua inteligência ou a utilizou mal. Além disso, **uma faculdade qualquer pode ficar adormecida durante uma existência inteira**, se o Espírito quiser exercitar outra que com ela não guarde relação. Neste caso, permanece em estado latente, para ressurgir mais tarde.” ⁽⁸⁾ (itálico do original)

Em nossa percepção todas essas respostas só vêm confirmar que nossas aquisições do passado estão, vamos dizer, como que “adormecidas” em nós; porém, na verdade, encontram-se gravadas em nosso inconsciente.

Do tópico “Lembranças da existência corpórea”, do cap. VI – Vida Espiritual, de **O Livro dos Espíritos**, destacamos as seguintes questões:

304. O Espírito se recorda da sua existência corpórea?

“Sim, isto é, tendo vivido várias vezes como homem, **ele se lembra do que foi** e eu te afirmo que, algumas vezes, ri de piedade de si mesmo.”

Tal como o homem que, ao atingir a idade da razão, ri das loucuras da juventude ou das puerilidades da infância.

305. A lembrança da existência corpórea se apresenta ao Espírito de maneira completa e inesperada após a morte?

“Não; **ela lhe vem pouco a pouco**, como algo que sai gradualmente do nevoeiro, à medida que nela fixa a sua atenção.”

306. O Espírito se lembra, com detalhes, de todos os acontecimentos de sua vida? Abrange o conjunto deles de um golpe de vista retrospectivo?

“Lembra-se das coisas em razão das consequências que resultaram para a sua condição de Espírito, mas deves compreender que há circunstâncias de sua vida às quais não liga importância alguma e de que nem mesmo procura lembrar-se.”

306-a. *Poderia lembrar-se delas, se o quisesse?*

“Pode lembrar-se dos mais minuciosos detalhes e incidentes, seja dos acontecimentos, seja mesmo de seus pensamentos, mas quando isso não tem utilidade, ele não o faz.”

306-b. *O Espírito entrevê o objetivo da vida terrestre com relação à vida futura?*

“Certamente que o vê e compreende muito melhor do que quando estava encarnado. Compreende a necessidade da sua purificação para chegar ao infinito e sabe que em cada existência deixa algumas impurezas.”

307. ***Como a vida passada se reflete na memória do Espírito?*** *Será por esforço da própria imaginação, ou como um quadro que ele tenha diante dos olhos?*

“De uma e outra forma. É como se estivessem presentes todos os atos de que tenha interesse em lembrar-se. Os outros permanecem mais ou menos vagos na sua mente, ou completamente esquecidos. Quanto mais desmaterializado estiver, tanto menos importância dará às coisas materiais. [...] é que tudo isso pouco lhe interessa e logo cai no esquecimento. **Aquilo de que ele se lembra muito bem são os fatos principais que o ajudam a melhorar-se.**”

308. ***O Espírito se recorda de todas as existências*** *que precederam a que acaba de deixar?*

“Todo o seu passado se desenrola diante dele, como as etapas de um caminho que um viajante percorreu, mas, como já dissemos, não se recorda de maneira absoluta de todos os atos. Lembra-se deles em razão da influência que tiveram sobre o seu estado atual. Quanto às primeiras existências, as que se podem considerar como a infância do Espírito, essas se perdem no vago e desaparecem na noite do esquecimento.” ⁽⁹⁾ (itálico do original)

No mundo espiritual, após seu desencarne, mais cedo ou mais tarde, o Espírito acabará lembrando-se de suas existências passadas.

As primeiras existências “*se perdem no vago*”, pela razão de não terem mais significado, pois a gama de conhecimentos adquiridos posteriormente ao longo de sua evolução se sobrepõem aos precários daquelas. Processo não muito diferente acontece conosco, ao perdermos quase completamente a lembrança das nossas aquisições no período da infância.

No cap. VII – Retorno à vida corpórea de **O Livro dos Espíritos**, lemos:

351. *No intervalo que vai da concepção ao nascimento, o Espírito desfruta de todas as suas faculdades?*

“Mais ou menos, conforme a época, porque ainda não está encarnado, mas apenas ligado. A partir do instante da concepção, o Espírito começa a ser tomado de perturbação, que o adverte de que chegou o momento de começar nova existência; essa perturbação vai crescendo até o nascimento. Nesse intervalo, seu estado é mais ou menos o de um Espírito encarnado durante o sono do corpo. **À medida que a hora do nascimento se aproxima, suas ideias se apagam, assim como a lembrança do passado, de que não tem mais consciência, na condição de homem, logo que entra na vida.** Mas essa lembrança lhe volta pouco a pouco à memória, no seu estado de Espírito.” ⁽¹⁰⁾ (itálico do original)

Na prática, as lembranças do passado não se “apagam”, apenas o Espírito fica temporariamente sem acesso a elas, por esse se encontrar gravado no seu inconsciente.

392. *Por que o Espírito encarnado perde a lembrança do seu passado?*

“O homem não pode nem deve saber

tudo. Deus assim o quer em sua sabedoria. Sem o véu que lhe oculta certas coisas, o homem ficaria ofuscado, como quem passa sem transição da obscuridade à luz. Pelo **esquecimento do passado** ele é mais senhor de si.” ⁽¹¹⁾ (itálico do original)

Temos a impressão de que a utilização do termo “*esquecimento*” proporciona uma melhor compreensão do que o “apaga”, uma vez que o que foi esquecido pode ser lembrado, enquanto o que foi apagado dá ideia de não se ter mais acesso.

Estes dois itens do tópico “Encarnação dos Espíritos” constante do cap. XI – Gênese espiritual do livro **A Gênese**, também nos ajudará entender:

21. Entretanto, **ao mesmo tempo que o Espírito recobra a consciência de si mesmo, perde a lembrança do seu passado, sem perder as faculdades, as qualidades e as aptidões adquiridas anteriormente, que haviam ficado temporariamente em estado de latência e que, voltando à atividade, vão ajudá-lo a fazer mais e melhor que antes.** Ele renasce tal qual se fizera pelo seu trabalho anterior; o seu renascimento lhe é um novo ponto de partida, um novo degrau a subir. Ainda aí se manifesta a

bondade do Criador, visto que a lembrança do passado, muitas vezes penosa e humilhante, adicionada aos amargores de uma nova existência, poderia perturbá-lo e lhe criar embaraços. Ele apenas se lembra do que aprendeu, porque isso lhe é útil. Se por vezes conserva vaga intuição dos acontecimentos passados, essa intuição é como a lembrança de um sono fugitivo. É, pois, um novo homem, por mais antigo que seja o seu Espírito. Adota novos processos, auxiliado pelas suas aquisições anteriores. Quando retorna à vida espiritual, seu passado se desdobra diante dos olhos e ele julga se empregou bem ou mal o seu tempo.

22. Não há, portanto, solução de continuidade na vida espiritual, apesar do esquecimento do passado. O Espírito é sempre ele mesmo, antes, durante e depois da encarnação, sendo esta apenas uma fase da sua existência. Tal esquecimento se dá tão só no curso da vida exterior de relação, visto que **o Espírito, em parte desprendido dos laços carnis pelo sono, é restituído à liberdade e à vida espiritual, lembrando-se, por conseguinte, do seu passado**, já que não tem a visão tão obscurecida pela matéria.
(¹²)

Exatamente, entre as várias vidas de um Espírito não há solução de continuidade, ou seja,

estão ligadas umas às outras, sendo a atual o somatório das experiências anteriores.

Há uma situação que oferece condições do Espírito acessar o inconsciente e recordar-se de coisas do passado. No caso, estamos nos referindo ao fenômeno da emancipação da alma, momento no qual a alma se afasta do corpo físico, sem entretanto se desligar totalmente dele, fato que só ocorre na morte, e aí se pode abrir o “véu” que encobre seu passado. Uma das situações que permite a emancipação da alma é o sonho. ⁽¹³⁾

E por falar em “véu”, vejamos esta explicação de Allan Kardec:

Ao retornar à vida corpórea, **o Espírito perde momentaneamente a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse.** Não obstante, **tem às vezes vaga consciência dessas vidas,** e elas **podem até lhe ser reveladas em certas circunstâncias.** Mas isso só acontece pela vontade dos Espíritos superiores, que o fazem espontaneamente e com um fim útil, jamais para satisfazer a vã curiosidade. ⁽¹⁴⁾

Vejamos este trecho do comentário de Allan Kardec, constante da questão 402 de **O Livro dos Espíritos**:

Os sonhos são efeito da emancipação da alma, que se torna mais independente pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí uma espécie de clarividência indefinida, que se estende aos lugares mais distantes ou que jamais se viu, e algumas vezes até a outros mundos. **Daí também a lembrança que traz à memória acontecimentos verificados na presente existência ou em existências anteriores.** A extravagância das imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, formam esses conjuntos bizarros e confusos, que parecem não ter sentido ou ligação. ⁽¹⁵⁾

Podemos estar equivocados, mas a impressão é que o “acoplamento” do Espírito ao corpo físico é que produz esse embotamento do passado.

Na **Revista Espírita 1861**, mês de janeiro, Allan Kardec publica o texto “Carta sobre a incredulidade”, assinado pelo Sr. Canu, adepto

fervoroso do Espiritismo. Desse documento, destacamos o seguinte parágrafo:

Prevejo uma objeção em teus lábios. Dir-me-ás que tudo isto pode ser verdadeiro, mas como não me lembro de nada, o mesmo ocorrendo com os outros, tudo quanto se tiver passado em nossas precedentes existências é como se não se tivesse passado. E, se acontece o mesmo em cada nova existência, ao meu Espírito pouco importa ser imortal ou morrer com o corpo, se, conservando a sua individualidade, não tem consciência de sua identidade. Com efeito, para nós seria a mesma coisa, mas não é assim. **Não perdemos a lembrança do passado senão durante a vida corporal, para readquiri-la com a morte**, isto é, quando o Espírito despertar em sua verdadeira existência, a de Espírito livre, em relação à qual as existências corpóreas podem ser comparadas ao que o sono representa para o corpo. ⁽¹⁶⁾

Quando encarnados nosso passado fica como que encoberto por um “véu”, que, em determinado tempo, variável conforme as circunstâncias

individuais, se esvai quando voltarmos a habitar o plano espiritual.

No tópico “Perguntas e problemas diversos”, publicado na **Revista Espírita 1861**, mês de fevereiro, serão encontradas algumas questões dirigidas a São Luís, das quais transcrevemos:

1. Num **mundo superior, como Júpiter ou outro**, o Espírito encarnado tem a lembrança de suas existências passadas, como no estado errante? - R. Não; **do momento em que o Espírito reveste um envoltório material, ele perde a lembrança de suas existências anteriores.** ⁽¹⁷⁾

Se até entre os habitantes de mundos superiores perdem a lembrança das existências anteriores, imagine os da Terra, que é um planeta de provas e expiações, que, em sua maioria, são Espíritos de terceira ordem.

Vejamos o seguinte trecho do 8º parágrafo do artigo “As mulheres têm alma?”, publicado na **Revista Espírita 1866**, mês de janeiro:

As almas se encarnam, quer dizer, revestem temporariamente um envoltório carnal semelhante para elas a um pesado invólucro do qual a morte as desembaraça. [...] **A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas ideias e os conhecimentos adquiridos nas existências anteriores; assim se efetua o progresso dos povos;** os homens civilizados de hoje são os mesmos que viveram na Idade Média e nos tempos de barbárie, e que progrediram; aqueles que viverão nos séculos futuros serão os de hoje, mas ainda mais avançados intelectualmente e moralmente. ⁽¹⁸⁾

Exatamente como dissemos as experiências do passado servem de alavanca que o Espírito se utiliza para avançar intelectual e moralmente.

O item 34 do artigo “Caracteres da revelação espírita” ⁽¹⁹⁾, publicado na **Revista Espírita 1867**, mês de setembro, tem o seguinte teor:

34. - **A pluralidade das existências**, da qual o Cristo colocou o princípio no Evangelho, mas sem mais defini-lo do que muitos outros, é uma das leis mais importantes reveladas pelo Espiritismo, no sentido que lhe **demonstra a realidade e a necessidade para o progresso.** Por

esta lei, o homem **explica todas as anomalias aparentes que a vida humana apresenta; as diferenças de posições sociais;** as mortes prematuras que, sem a reencarnação, tornariam inúteis para a alma as vidas abreviadas; **a desigualdade das aptidões intelectuais e morais,** pela antiguidade do **Espírito,** que mais ou menos viveu, mais ou menos aprendeu e progrediu, e que **traz, em renascendo, a aquisição de suas existências anteriores.** ⁽²⁰⁾

Mais uma fala de Allan Kardec que corrobora que o Espírito traz consigo sua aquisição intelectual e moral nas vidas pregressas.

Casos de encarnados que se lembraram de vida pregressa

Poderíamos citar os inúmeros pesquisadores da reencarnação da atualidade, como por exemplo: Ian Stevenson (1918-2007), H. N. Banerjee (1929-1985) e Jim B. Tucker, ou relacionar os que se dedicaram às pesquisas sobre regressão de memória, cujo pioneiro foi Albert de Rochas, entre outros, são citados os nomes da Dra. Helen Wambach (1925-1985), Dra. Edite Fiore e Brain Weiss.

A nossa opção é ser bem objetivos e, em razão disso, além dos casos que constam nas obras da Codificação publicadas por Allan Kardec, citaremos apenas o do Willian Georges Júnior, pesquisado por Ian Stevenson, mas que será mencionado no próximo capítulo, para evidenciar a questão das reminiscências.

No artigo “Recordação de uma vida anterior”, publicado na **Revista Espírita 1860**, mês de julho, destacaremos o seguinte trecho:

(SOCIEDADE, 25 DE MAIO DE 1860)

Um dos nossos assinantes nos envia uma carta de um de seus amigos, da qual extraímos o seguinte:

“Perguntastes a minha opinião, ou antes, se acredito na presença ou não, junto a nós, das almas dos que amamos. Pedis ainda explicações relativas à minha convicção de que nossas almas mudam de envoltório muito rapidamente.

Por mais ridículo que pareça, direi que **minha convicção sincera é a de ter sido assassinado durante os massacres de São Bartolomeu.** ⁽²¹⁾ Eu era muito criança



quando **tal lembrança veio ferir-me a imaginação.** Mais tarde, **quando li essa triste página de nossa História, pareceu que muitos detalhes me eram conhecidos,** e ainda creio que se a velha Paris fosse reconstruída eu reconheceria essa velha aleia sombria onde, fugindo,

senti o frio de três punhaladas dadas pelas costas. **Há detalhes dessa cena sangrenta em minha memória e jamais desapareceram.** Por que tinha eu essa convicção antes de saber o que tinha sido o São Bartolomeu? Por que, lendo o relato desse massacre eu me perguntei: é sonho, esse sonho desagradável que tive em criança, cuja lembrança me ficou tão viva? Por que, quando quis consultar a memória, forçar o pensamento, fiquei como um pobre louco ao qual surge uma ideia e que parece lutar para lhe descobrir a razão? Por quê? Nada sei. Certo me achareis ridículo, mas nem por isso guardarei menos a lembrança, a convicção.

Se dissesse que tinha sete anos quando tive um sonho assim: Eu tinha vinte anos, era um rapaz bem-posto, parece que rico. **Vim bater-me em duelo e fui morto.** Se dissesse que a saudação feita com a arma, antes de se bater, eu a fiz pela primeira vez que tive um florete na mão. Se dissesse que cada preliminar mais ou menos graciosa que a educação ou a civilização pôs na arte de se matar me era desconhecida antes de minha educação nas armas, certamente diríeis que sou louco ou maníaco. Bem pode ser; mas **às vezes me parece que um clarão atravessa essa névoa e tenho a convicção de que a lembrança do passado se restabelece em minh'alma.**" ⁽²²⁾

O sr. V..., autor dessa carta, lembrou-se do massacre de São Bartolomeu, ocorrido em 24 de agosto 1572, em Paris ⁽²³⁾. No relato, ele também dá notícia de um sonho no qual se viu como um rapaz bem-posto de vinte anos, que morreu em um duelo.

Visando confirmar o relato, surgiu a ideia de evocá-lo, o que seria a evocação de uma pessoa viva, mas o anjo da guarda dele disse que não era adequado pois *“no momento seu Espírito não está livre: está ativamente ocupado pelo corpo e numa inquietude moral que o impede de repousar”* ⁽²⁴⁾, se colocando à disposição para responder. Das treze questões que lhe foram dirigidas, destacamos estas cinco e suas respectivas respostas:

4. - Desde que tendes a bondade de responder, perguntaremos se a lembrança que julga conservar de sua morte numa existência anterior é uma ilusão. R - **É uma intuição muito real. Na época estava muito bem na Terra.**

5. - Por que motivo essa lembrança lhe é mais precisa do que para outros? Há nisso alguma causa fisiológica ou alguma utilidade particular para ele? R - **Essas lembranças vivas são muito raras.** Deve-se um pouco ao gênero de morte que de tal modo o impressionou que está, por assim dizer, encarnado em sua alma. Contudo, muitas outras pessoas tiveram morte tão terrível e não lhes ficou a lembrança. Só raramente Deus o permite.

6. - Depois dessa morte no São Bartolomeu teve ele outras existências? R - Não.

7. - Que idade tinha quando morreu? R - Uns trinta anos.

8. - Pode-se saber o que era ele? R - Ligado à casa de Coligny. ⁽²⁵⁾

Portanto, tem-se confirmado o relato do Sr. V... e via de consequência que as experiências do passado não foram “deletadas”.

Transcrevemos do item 223, do cap. XIX - O papel dos médiuns nas comunicações espíritas, no tópico “Aptidão de certos médiuns para coisas que não conhecem, como línguas, música, desenho, etc.” da Segunda Parte de **O Livro dos Médiuns**, as

seguintes questões:

17. A aptidão de certos médiuns para escrever numa língua que lhes é estranha **não provém da circunstância de essa língua lhes ter sido familiar em outra existência e de haverem guardado a intuição dela?**

“Certamente isso pode acontecer, mas não constitui regra. Com algum esforço, o Espírito pode vencer momentaneamente a resistência material que encontra. É o que acontece quando o médium escreve, na sua própria língua, palavras que não conhece.”

20. *Como se explica a aptidão de certos médiuns para escrever em verso, apesar de ignorantes em matéria de poesia?*

“A poesia é uma linguagem. Eles podem escrever em verso, como podem escrever numa língua que desconheçam. **Depois, é possível que tenham sido poetas em outra existência e, como já vos dissemos, os conhecimentos adquiridos jamais são perdidos pelo Espírito,** que tem de chegar à perfeição em todas as coisas. Nesse caso, o que eles aprenderam no passado lhes dá uma facilidade de que não dispõem no estado habitual, mesmo que não se deem conta desse fato.”

23. *Por que razão um homem dotado de grande talento numa existência deixa de o possuir na seguinte?*

“Nem sempre é assim, pois muitas vezes ele aperfeiçoa numa existência o que começou na anterior. Mas **pode acontecer que uma faculdade extraordinária dormite durante certo tempo**, para deixar que outra se desenvolva. É um gérmen latente, que tornará a ser encontrado mais tarde e do qual sempre permanecem alguns traços, ou, pelo menos, **uma vaga intuição.**” ⁽²⁶⁾ (itálico do original)

Muito interessante que até na mediunidade as aquisições do passado poderão ser elementos úteis ao próprio trabalho do médium.

Do artigo “Algumas refutações” publicado na ***Revista Espírita 1863***, mês de junho, ressaltamos:

“A vida futura, disse ainda o Pe. Nampon, muda inteiramente de face (com o Espiritismo). A imortalidade da alma se reduz a uma permanência material, sem identidade moral, sem consciência do passado.”

É um erro; **o Espiritismo jamais disse**

que a alma fosse sem consciência do passado; dele perde momentaneamente a lembrança durante a vida corpórea, mas "quando o Espírito reentra em sua vida primitiva (a vida espírita), todo o seu passado se desenrola diante dele; vê as faltas que cometeu e que são a causa de seu sofrimento, e o teria podido impedir de cometê-las; compreende que a posição que lhe é dada é justa, e procura então a existência que poderia reparar a que vem de se escoar." (*O Livro dos Espíritos*, nº 393.) Uma vez que há lembrança do passado, consciência do eu, há, pois, identidade moral; uma vez que a *vida espiritual* é a vida normal do Espírito, que **as existências corpóreas não são senão pontos na vida espírita**, a imortalidade não se reduz a uma permanência material; o Espiritismo, como se vê, diz tudo ao contrário. Desnaturando-o assim, o Pe. Nampon não tem por desculpa a ignorância, porque suas citações provam que leu, mas tem o erro de fazer citações truncadas, e de lhe fazer dizer tudo ao contrário do que ele disse. ⁽²⁷⁾

Podemos resumir com a seguinte frase: “o *Espiritismo jamais disse que a alma fosse sem*

consciência do passado". Não há como protestar ignorância, mas ser honesto o suficiente para admitir que não estudou a Doutrina Espírita com a profundidade necessária.

No artigo intitulado "Uma lembrança de existências passadas", publicado na **Revista Espírita 1864**, mês de novembro, ressaltamos o seguinte trecho:

Num artigo biográfico sobre Méry ⁽²⁸⁾, publicado pelo *Journal littéraire* de 25 de setembro de 1864, encontra-se a seguinte passagem:

"Há teorias singulares, que para ele são convicções.

"Assim, ele crê firmemente que já viveu várias vezes; lembra-se das mínimas circunstâncias de suas existências precedentes e as detalha com entusiasmo, com uma certeza tal que impõe autoridade.

"Assim, foi um dos amigos de Virgílio e de Horácio, conheceu Augusto Germânico, fez a guerra nas Gálias e na Germânia. Era general e comandava as linhas romanas quando estas atravessaram o Reno.

Reconhecia nas montanhas lugares onde havia acampado, os vales de campos de batalha onde combateu. Lembra-se de conversas em casa de Mecenas, que são o eterno objeto de seus pesares. Chamava-se Minius.

“Um dia, na sua vida atual, estava em Roma e visitava a biblioteca do Vaticano. Foi recebido ali por jovens noviços, vestidos em longas roupas escuras, que se puseram a lhe falar no latim mais puro. Méry era bom latinista, no que tange à teoria e às coisas escritas, mas ainda não havia experimentado conversar familiarmente na língua de Juvenal. Ouvindo esses romanos de hoje, admirando esse magnífico idioma, tão bem harmonizado com os monumentos, com os costumes da época em que era usado, **teve a impressão de que um véu lhe caía dos olhos; pareceu-lhe que ele próprio havia conversado, em outros tempos, com amigos que se serviam dessa linguagem divina. Frases feitas e impecáveis fluíam de seus lábios; encontrou imediatamente a elegância e a correção;** enfim, falou latim como fala francês; **teve em latim o espírito que tem em francês.** Nada disso se podia fazer sem aprendizagem e, se não tivesse sido um súdito de Augusto, se não tivesse atravessado aquele século de todos os

esplendores, não teria improvisado uma ciência, impossível de adquirir em algumas horas.

“Outra passagem sua na Terra foi nas Índias, razão por que as conhece bem. Por isso, quando publicou a *Guerre du Nizam*, nenhum de seus leitores terá duvidado que ele não tivesse morado muito tempo na Ásia. Suas descrições são vivas, seus quadros são originais, toca com o dedo detalhes tais que é impossível não tenha visto o que conta, pois aí está o cunho da verdade.

“Pretende ter entrado naquele país com uma expedição muçulmana, em 1035. Lá viveu cinquenta anos, passou belos dias e ali se fixou para não mais sair. **Era poeta**, mas menos letrado que em Roma e em Paris. A princípio guerreiro, depois sonhador, guardou na alma as imagens impressionantes das margens do rio sagrado e dos ritos hindus. Tinha várias moradas, na cidade e no campo, orou nos templos dos elefantes, conheceu a civilização avançada de Java, viu de pé as esplêndidas ruínas que assinala e que ainda se conhece tão pouco.

[...].

Pierre Dangeau” (29)

Por oportuno, leiamos parte que nos interessa dos comentários do Codificador:

O autor do artigo não acompanha esse fato de nenhuma reflexão. Depois de ter exaltado o alto mérito de Méry e sua alta inteligência, foi inconsequente de taxá-la de loucura. Se, pois, Méry é um homem de bom senso, de um alto valor intelectual; se a crença de já ter vivido é nele uma convicção; se essa convicção não é nele o produto de um sistema de seu modo, mas o resultado de uma lembrança retrospectiva e de um fato material, não há ali do que despertar a atenção de todo homem sério? **Vejamos a quais incalculáveis consequências nos conduz este simples fato.**

Se Méry já viveu, ele não deve fazer exceção, porque **as leis da Natureza são as mesmas para todos, e, desde então, os homens devem também ter vivido;** se se viveu, não é seguramente o corpo que renasce: é, pois, o princípio inteligente, a alma, o Espírito; temos, pois, uma alma. **Uma vez que Méry conservou a lembrança de várias existências, uma vez que os lugares lhe lembram o que viu outrora, na morte do corpo a alma não se perde, pois, no todo universal;**

portanto, ela conserva a sua individualidade, a consciência de seu eu.

Méry, lembrando-se do que foi há quase dois mil anos, em que se tornou sua alma no intervalo? Ele se submergiu no oceano do infinito ou se perdeu nas profundezas do espaço? Não, sem isso ela não reencontraria a sua individualidade de outrora. Ela deveu, pois, permanecer na esfera de atividade terrestre, viver da vida espiritual, no meio de nós ou no espaço que nos cerca, até que tivesse retomado um novo corpo. Méry não sendo o único no mundo, há, pois, ao nosso redor uma população inteligente invisível.

Renascendo na vida corpórea, depois de um intervalo mais ou menos longo, a alma renasce no estado primitivo, no estado de alma nova, ou aproveita as ideias adquiridas em suas existências anteriores? **A lembrança retrospectiva resolve a questão por um fato: se Méry tivesse perdido as ideias adquiridas, não teria reencontrado a língua que falava outrora; a visão dos lugares não lhe teria lembrado nada.**

Mas se já vivemos, por que não reviveríamos ainda? Por que esta existência seria a última? **Se renascemos com o desenvolvimento intelectual realizado,**

a intuição que trazemos das ideias adquiridas é um fundo que ajuda a aquisição de novas ideias, que tornam o estudo mais fácil. Se um homem não é senão um meio-matemático numa existência, será preciso menos trabalho numa nova existência para ser um matemático completo; está aí uma consequência lógica. Se tornou metade bom, se corrigiu de alguns defeitos, ser-lhe-á preciso menos trabalho para se tornar ainda melhor, e assim por diante.

Nada daquilo que adquirirmos em inteligência, em saber e em moralidade não está, pois, perdido; que morramos jovens ou velhos, que tenhamos ou não o tempo de o aproveitar na existência presente, nós lhe recolheremos os frutos nas existências subsequentes. As almas que animam os Franceses civilizados de hoje podem, pois, ser as mesmas que animavam os bárbaros francos, ostrogodos, visigodos, os selvagens gauleses, os conquistadores romanos, os fanáticos da Idade Média, mas que, a cada existência, se dá um passo adiante, apoiando-se sobre os passos feitos precedentemente, e que avançarão ainda.

Eis, pois, o grande problema do progresso da Humanidade resolvido, o problema

contra o qual se chocaram tantos filósofos! está resolvido pelo simples fato da pluralidade das existências. Mas quantos outros problemas vão encontrar a sua solução na solução deste! Que horizontes novos isso não abre! É toda uma revolução nas crenças e nas ideias.

[...].

Mas há, para esse esquecimento, uma outra causa de alguma sorte fisiológica, e que se prende ao mesmo tempo à materialidade de nosso envoltório e à identificação de nosso Espírito pouco avançado com a matéria. **À medida que o Espírito se depura, os laços materiais são menos tenazes. O véu que obscurece o passado é menos opaco; a faculdade da lembrança retrospectiva segue, pois, o desenvolvimento do Espírito. O fato é raro sobre a nossa Terra, porque a Humanidade nela é ainda muito material;** mas seria um erro crer que Méry nela seja um exemplo único. Deus permite, de tempos em tempos, que isso se apresente, a fim de levar os homens a tomar conhecimento da grande lei da pluralidade das existências, única lei que lhe explica a origem de suas qualidades boas ou más, lhe mostra a justiça das misérias que ele sofre neste mundo, e lhe traça o

caminho do futuro.

A inutilidade da lembrança para aproveitamento do passado é o que se tem mais dificuldade em compreender para aqueles que não estudaram o Espiritismo; para os Espíritas é uma questão elementar. Sem repetir o que foi dito a esse respeito, a **comparação seguinte poderá facilitar-lhe a inteligência.**

O escolar percorre a série de classes, desde a oitava até a filosofia. O que aprendeu na oitava lhe serve para aprender o que se ensina na sétima. Suponhamos agora que no fim da oitava haja perdido toda lembrança do tempo passado nessa classe, seu Espírito por isso não será menos desenvolvido, e equipado de conhecimentos adquiridos; somente não se lembrará nem onde nem como os adquiriu, mas, pelo fato do progresso realizado, está apto a aproveitar as lições da sétima. Suponhamos, além disso, que na oitava tenha sido preguiçoso, colérico, indócil, mas que haja sido castigado e moralizado, seu caráter tenha se rompido, e que tenha se tornado laborioso, dócil e obediente, levará essas qualidades em sua nova classe que, para ele, parecerá ser a primeira. Que lhe serviria saber se foi fustigado por sua preguiça, se agora não é

mais preguiçoso? O essencial é que chegou na sétima melhor e mais capaz do que era na oitava. Assim o será de classe em classe.

Pois bem! o que não teve lugar para o escolar, nem para o homem nos diferentes períodos de sua vida, existe para ele de uma existência à outra; aí está toda a diferença, mas o resultado é exatamente o mesmo, embora sobre uma maior escala. ⁽³⁰⁾ (itálico do original)

As explicações e os argumentos de Allan Kardec são bem claros que não deixa nenhuma margem a dúvida a qualquer pessoa, até mesmo às que possuem apenas grau mais elementar de estudo.

Do artigo “Evocação de um surdo-mudo encarnado”, publicado na **Revista Espírita 1865**, mês de janeiro, transcrevemos:

O Sr. Rui, membro da Sociedade de Paris, transmite-nos o fato que se segue. Disse ele:

“Em 1862 conheci **um jovem surdo-mudo de doze ou treze anos**. Desejoso de fazer uma observação, **perguntei aos**

meus guias protetores se me seria possível evocá-lo. Como a resposta fosse afirmativa, fiz o rapaz vir ao meu quarto e o instalei numa poltrona, com um prato de uvas, que ele se pôs a chupar com ardor. Por meu lado, sentei-me a uma mesa. Orei e fiz a evocação, como de costume. Ao cabo de alguns instantes minha mão tremeu e escrevi: Eis-me aqui.

“Olhei o menino: estava imóvel, os olhos fechados, calmo, adormecido, com o prato sobre os joelhos; cessara de comer. Dirigi-lhe as seguintes perguntas:

P. – Onde estás agora?

Resp. – Em vosso quarto, em vossa poltrona.

P. – **Queres dizer por que és surdo-mudo de nascença?**

Resp. – **É uma expiação de meus crimes passados.**

P. – **Que crimes cometeste?**

Resp. – **Fui parricida.** ⁽³¹⁾

Esse adolescente surdo-mudo, na condição de pessoa viva, lembrou-se do crime cometido em vida passada, informando que era o motivo de sua atual

expição terrena.

Vejamos, agora, do comentário de Allan Kardec o seguinte parágrafo:

Além disso, o fato prova um ponto capital: não é somente **depois da morte que o Espírito recobra a lembrança de seu passado. Pode dizer-se que não a perde jamais**, mesmo na encarnação, porquanto, durante o sono do corpo, quando goza de certa liberdade, o **Espírito tem consciência de seus atos anteriores**; sabe por que sofre, e que sofre justamente; **a lembrança não se apaga senão durante a vida exterior de relação**. Mas, em falta de uma lembrança precisa, que lhe poderia ser penosa e prejudicar suas relações sociais, haure novas forças nos instantes de emancipação da alma, se os soube aproveitar. ⁽³²⁾

Novamente se vê uma afirmação objetiva, sem nenhuma margem a dúvida, qual seja, a de que a lembrança do passado *“pode dizer-se que não a perde jamais”*. Portanto, mais uma vez, diremos não é deletada.

Reminiscências: o passado no presente

Mas, como as experiências adquiridas no passado podem ser constatadas na vida atual? Veremos isso mais de perto.

Julgamos que não se dever deixar de apresentar a definição do termo; a nossa fonte será o site **Meu Dicionário**:

Reminiscência (do latim *reminiscentia*, “recordação”) substantivo feminino

1. recordação que se guarda de modo inconsciente
2. capacidade de guardar e reconstituir ideias, conhecimentos, impressões adquiridos anteriormente, memória
3. recordação vaga, lembrança quase apagada
4. PSICOLOGIA recordação ou lembrança sem reconhecimento
5. característica inspirada por uma influência que não é totalmente consciente na criação artística. ⁽³³⁾

Acreditamos que o teor dos itens 1 a 3 se completam, nos proporcionando uma melhor compreensão do significado do vocábulo.

Vejamos o seguinte comentário de Allan Kardec, na questão 394 de **O Livro dos Espíritos**:

No esquecimento das existências anteriores, sobretudo quando foram penosas, não há qualquer coisa de providencial e que revela a sabedoria divina? É nos mundos superiores, quando a lembrança das existências infelizes não passa de um pesadelo longínquo, que elas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, as infelicidades do presente não seriam agravadas pela lembrança de todas as que se tenham sofrido? Concluamos, pois, daí que tudo o que Deus fez é benfeito e não nos cabe criticar suas obras, nem lhe dizer como deveria ter regulado o Universo.

A lembrança de nossas individualidades anteriores teria inconvenientes muito graves. Poderia, em certos casos, humilhar-nos excessivamente e, em outros, exaltar-nos o orgulho, entrando, em consequência, o nosso livre-arbítrio. **Deus nos deu, para melhorarmos, justamente o que é necessário e nos basta: a voz da consciência e nossas tendências instintivas.** Priva-nos do que nos poderia

prejudicar. Acrescentemos ainda que, se nos recordássemos de nossos atos pessoais anteriores, igualmente nos recordaríamos dos atos dos outros homens, e esse conhecimento poderia gerar os mais desastrosos efeitos sobre as relações sociais. **Como nem sempre podemos nos vangloriar do nosso passado, melhor é que um véu seja lançado sobre ele.** Isto concorda perfeitamente com a Doutrina dos Espíritos sobre os **mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, em que só reina o bem, a reminiscência do passado nada tem de penosa**, razão por que neles as criaturas se lembram de sua existência anterior, como nos lembramos do que fizemos na véspera. **Quanto à estada que possam ter feito em mundos inferiores, trata-se apenas, como já dissemos, de um pesadelo.** ⁽³⁴⁾

Então, o nosso passado se manifesta no presente como ideias inatas, tendências instintivas ou reminiscências, “saem” do nosso inconsciente para dar um “arzinho” no consciente. Acrescentamos ainda isto que os Espíritos superiores disseram: “[...] *A lembrança do passado é mais clara para os que habitam os mundos de ordem superior.*” ⁽³⁵⁾

Julgamos também muito oportunas as

considerações do Codificador às questões 393 e 399, de **O Livro dos Espíritos**, nas quais, respectivamente, lê-se:

Embora em nossa vida corpórea não nos lembremos com exatidão do que fomos e do que fizemos de bem ou de mal nas existências anteriores, **temos a intuição de tudo isso, sendo as nossas tendências instintivas uma reminiscência do nosso passado**, tendências contra as quais a nossa consciência, que é o desejo que sentimos de não mais cometer as mesmas faltas, nos adverte para resistir. ⁽³⁶⁾

Embora o homem não conheça os próprios atos que praticou em suas existências anteriores, sempre pode saber qual **o gênero das faltas de que se tornou culpado e qual era o seu caráter dominante. Basta estudar** a si mesmo e julgar do que foi, não pelo que é, mas pelas **suas tendências**. ⁽³⁷⁾

Ora, se nossas aquisições passadas estão armazenadas no nosso inconsciente, nada mais previsível de que elas podem se manifestar em forma de tendências instintivas – Allan Kardec foi bem cirúrgico nesse ponto.

Na **Revista Espírita 1858**, mês de fevereiro, Allan Kardec publica o artigo “Diferentes ordens de Espíritos” no qual detalha a classificação dos Espíritos conforme a ordem a que pertencem. Vamos destacar os de segunda ordem – bons Espíritos:

Caracteres gerais. – Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. As qualidades e a capacidade de fazer o bem são proporcionais ao grau atingido: uns têm a ciência; outros, sabedoria e bondade; os mais adiantados reúnem o saber às qualidades morais. Como não se acham completamente desmaterializados, **conservam mais ou menos, conforme sua classe, os traços da existência corporal, tanto na forma da linguagem quanto nos hábitos, aonde chegamos, mesmo, a descobrir certas manias;** sem o que seriam Espíritos perfeitos. ⁽³⁸⁾

É importantíssima a informação de que somente os Espíritos puros não conservam os traços da existência corporal, seja na forma da linguagem, seja em seus hábitos e algumas manias. O que vem significar que todos os Espíritos de segunda e terceira ordem trazem consigo tudo isso. Logo, quando reencarnam, apresentam todas essas

características. Como? Na forma de reminiscências instintivas, ou seja, manifestam-se como tendências.

Do artigo “Da pluralidade das existências”, publicado na **Revista Espírita 1858**, mês de novembro, transcrevemos os seguintes parágrafos:

Perguntamos qual a Filosofia ou a Teosofia que poderá resolver tais problemas? Ou as almas são iguais ao nascer, ou não são. Se o são, por que tão diversas aptidões? [...] Se são desiguais, é que Deus assim as criou. Mas, então, por que essa superioridade inata, concedida a alguns? Será tal parcialidade conforme à justiça de Deus e ao amor igual por ele dedicado a todas as criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de anteriores existências progressivas, e tudo ficará explicado. **Ao nascer, trazem os homens a intuição daquilo que adquiriram; são mais ou menos adiantados, conforme número de existências percorridas** e conforme se achem mais ou menos afastados do ponto de partida; absolutamente como numa reunião de indivíduos de todas as idades, cada um terá um desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tiver vivido; **as existências sucessivas serão para a vida da alma o que são os anos para a vida do corpo.** [...] Em sua justiça,

Deus não poderia ter criado umas almas mais perfeitas que outras; entretanto, com a pluralidade das existências, a desigualdade que vemos nada mais conterà de contrário à mais rigorosa equidade. É que vemos o presente e não o passado. Repousará tal argumento sobre um sistema ou suposição gratuita? Não: nós partimos de um fato patente e incontestável – a desigualdade de aptidões e de desenvolvimento intelectual e moral, fato que achamos inexplicável por todas as teorias ora em curso, ao passo que sua explicação é simples, natural e lógica por uma outra teoria. Será natural preferir o que não explica ao que explica? ⁽³⁹⁾

A intuição do que se adquiriu nada mais é do que a reminiscência do passado que, totalmente, fora do nosso controle, mas em razão da lei divina, surge a cada nova encarnação.

Na **Revista Espírita 1859**, mês de março, o Codificador novamente faz referência às tendências instintivas, designando-as de “reminiscências”:

[...] Estamos persuadidos de que **devemos ter reminiscências de certas disposições morais anteriores; diremos, até, que é impossível que as coisas se passem de outro modo**, pois o progresso

só se realiza paulatinamente. Mas não é esse o caso de que se trata, porque as pessoas em causa não davam nenhum sinal de ferocidade, fora daquele estado patológico: evidentemente nelas não havia senão uma perturbação momentânea das faculdades morais. **Reconhece-se o reflexo das disposições anteriores por meio de outros, de certa maneira inequívocos**, que desenvolveremos em artigo especial, apoiado pelos fatos. ⁽⁴⁰⁾

Allan Kardec, até aqui, mantém a coerência no desenvolvimento de seus argumentos.

Portanto, as nossas aquisições provenientes de experiências pregressas ficam gravadas em nós, jamais se perdem, muitas vezes se apresentam em nossa vida diária como ideias inatas, tendências instintivas ou reminiscências.

Finalizando, encontramos publicado na **Revista Espírita 1859**, mês de abril, o diálogo com o Espírito Benvenuto Cellini, no qual tem a seguinte observação de Allan Kardec:

Prova a experiência que **a aptidão de um médium para tal ou qual gênero de produção depende da flexibilidade** que

apresenta ao Espírito, abstração feita do seu talento. O conhecimento do ofício e os meios materiais de execução não constituem o talento, mas é compreensível que, dirigindo o médium, neste encontre o Espírito menos dificuldade mecânica a vencer. Entretanto, **veem-se médiuns que fazem coisas admiráveis, embora lhes faltem as primeiras noções**, como no caso dos desenhos, da poesia, das gravuras, da música, etc.; mas então **é que existe neles uma aptidão inata, sem dúvida devida a um desenvolvimento anterior, do qual apenas conservavam a intuição.** ⁽⁴¹⁾

A informação de que certos médiuns produzem coisas admiráveis fora do conhecimento atual se deve a *“uma aptidão inata, sem dúvida devida a um desenvolvimento anterior”*, nos faz concluir que cada um deles as aprendeu em alguma de suas existências pregressas, razão pela qual delas *“conserva a intuição”*.

Transcrevemos do tópico “Perguntas e problemas – Sobre a expiação e a prova”, constante da **Revista Espírita 1863**, mês de setembro:

Vem em seguida **a séria questão do esquecimento** que, segundo nosso

correspondente, dá aos males da vida o caráter de expiação. É um erro; dai-lhe o nome que quiserdes, não fareis que não sejam a consequência de uma falta; se o ignorais, o Espiritismo vo-lo ensina. Quanto ao esquecimento das próprias faltas, não tem as consequências que lhe atribuíis. **Demonstramos em outra parte que a lembrança precisa dessas faltas traria inconvenientes extremamente graves, em que isso nos perturbaria,** nos humilharia aos nossos próprios olhos e aos de nossos próximos; que nos traria uma perturbação nas relações sociais, e que, por isso mesmo, entravaria nosso livre arbítrio. **De um outro lado, o esquecimento não é tão absoluto quanto se supõe; não ocorre senão durante a vida exterior de relação,** no próprio interesse da Humanidade; mas a vida espiritual não tem solução de continuidade; **o Espírito, seja na erraticidade, seja em seus momentos de emancipação, se lembra perfeitamente,** e essa lembrança lhe deixa uma intuição que se traduz pela voz da consciência que o adverte do que deve fazer ou não fazer; se não a escuta, é, pois, culpado. O Espiritismo dá, além disso, ao homem um meio de remontar ao seu passado, senão nos atos precisos, pelo menos nos caracteres gerais desses atos

que pesaram mais ou menos sobre a vida atual. Das tribulações que sofre, expiações ou provas, deve concluir que foi culpado; da natureza dessas tribulações, **ajudado pelo estudo de suas tendências instintivas**, e apoiando-se sobre o princípio de que a punição mais justa é aquela que é a consequência de sua falta, pode deduzir disso seu passado moral; suas más tendências lhe mostram o que resta de imperfeito a corrigir em si. **A vida atual é para ele um novo ponto de partida**; aqui chega rico ou pobre de boas qualidades; basta-lhe, pois, estudar a si mesmo para ver o que lhe falta, e se dizer: “Se sou punido, é que pequei,” e a própria punição lhe ensinará o que fez. Citemos uma comparação:

Suponhamos um homem condenado aos trabalhos forçados por tantos anos e nisso sofrendo um castigo especial, mais ou menos rigoroso, segundo sua falta: suponhamos, além disso, que, entrando na prisão, perde a lembrança dos atos que ali o conduziram; não se poderá dizer: “Se estou na prisão, é que fui culpado, porque aqui não se colocam as pessoas virtuosas; portanto, tratemos de nos tornar bons para não reentrar aqui quando dela tivermos saído.” Quer saber o que fez? Estudando a lei penal, saberá quais são os crimes que

para lá o conduzirão, porque não se é posto a ferro por uma travessura; da duração e da severidade da pena, disso concluirá o gênero daqueles que deveu cometer; para deles ter uma ideia mais exata, não terá senão que estudar aqueles para os quais se sente instintivamente, arrastado; saberá, pois, o que deve evitar doravante para conservar sua liberdade, e nisso será mais estimulado pelas exortações dos homens de bem, encarregados de instruí-lo e de dirigi-lo no bom caminho. Se disso não se aproveita, sofre-lhe as consequências. Tal é a situação do homem sobre a Terra, onde, não mais do que o condenado à prisão não pode estar colocado por suas perfeições, uma vez que ali é infeliz e forçado ao trabalho. Deus lhe multiplica os ensinamentos proporcionais ao seu adiantamento; adverte-o, sem cessar, fere-o mesmo para despertá-lo de seu torpor, e aquele que persiste em seu endurecimento não pode se desculpar sobre sua ignorância. ⁽⁴²⁾

É novamente afirmado que o esquecimento do passado só se manifesta na vida de relação, ou seja, quando o Espírito está encarnado, mas retornando ao mundo espiritual, após um período, ele volta a lembrar-se. O que também pode acontecer, ainda

que não tão preciso, no estado de emancipação da alma.

Vejamos, por fim, o artigo “Onde é o céu?”, publicado na **Revista Espírita 1865**, mês de março, que, com pequenas diferenças, foi inserido na obra *O Céu e o Inferno*, cap. III – O céu, no qual o seguinte trecho se destaca:

[...] Em cada existência nova traz o Espírito o que adquiriu nas anteriores, em aptidões, conhecimentos intuitivos, inteligência e moralidade. Cada existência é assim um passo avante no caminho do progresso, a menos que, por preguiça, negligência ou obstinação no mal, não a aproveite, caso em que deve recomeçar. [...]. ⁽⁴³⁾

A afirmação de que “*Em cada existência nova traz o Espírito o que adquiriu nas anteriores*” é bem sintomática demonstrando, sem nenhuma margem a dúvidas, que o que hoje somos nada mais é que um acúmulo dos aprendizados em experiências anteriores, fato que, obviamente, reforça a realidade

das reminiscências de vidas passadas..

Ainda na **Revista Espírita 1865**, mês de março, tópico “Necrologia”, caso Senhora Sra. viúva Foulon, que quando viva tinha um taletto notável: era hábil miniaturista. É evocada, do seu diálogo destacamos:

Não faz senão três dias que morri, e sinto que sou artista; **minhas aspirações para com o ideal da beleza na arte não eram senão a intuição de uma faculdade que estudei e adquiri em outras existências, e que se desenvolveram em minha última.** Masque tenho a fazer para reproduzir uma obra-prima digna da grande cena que toca o espírito chegando na região da luz! Os pincéis! os pincéis! e provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte paga, da arte cristã que periclita, e que só ao Espiritismo está reservada a glória de fazê-la reviver em todo o seu brilho, sobre o vosso mundo deserdado. ⁽⁴⁴⁾

Recém-chegada ao plano espiritual, a Sra. Foulon se dá conta de que *“minhas aspirações para com o ideal da beleza na arte não eram senão a intuição de uma faculdade que estudei e adquiri em*

outras existências”, comprovando, portanto, que as reminiscências do passado são uma realidade indiscutível.

De **O Que é o Espiritismo**, 6ª edição publicada em junho/1865, nos seguintes tópicos destacamos este argumento de Allan Kardec:

a) “Esquecimento do Passado” do cap. I – Pequena conferência Espírita:

É assim que, reencarnando, **o homem traz por intuição e como ideias inatas, o que adquiriu em ciência e moralidade.** Digo em moralidade porque, se no curso de uma existência ele se melhorou, se soube tirar proveito das lições da experiência, se tornará melhor quando voltar; seu Espírito, amadurecido na escola do sofrimento e do trabalho, terá mais firmeza; **longe de ter de recomeçar tudo, ele possui um fundo que vai sempre crescendo e sobre o qual se apoia para fazer maiores conquistas.** ⁽⁴⁵⁾

b) “O homem durante a vida terrena”, item 118 do cap. II – Noções Elementares de Espiritismo:

As ideias inatas não podem ter senão

duas fontes: a criação de almas mais perfeitas umas que as outras, no caso de serem criadas ao mesmo tempo que o corpo, **ou um progresso anterior, realizado por elas antes da encarnação.**

Sendo a primeira hipótese incompatível com a Justiça de Deus, só resta a segunda.

As ideias inatas são o resultado dos conhecimentos adquiridos nas existências anteriores e que se conservaram no estado de intuição, para servirem de base à aquisição de novas ideias. ⁽⁴⁶⁾

Allan Kardec, como se vê, não se afasta da mesma linha de raciocínio, certamente, calcada nos ensinamentos dos Espíritos superiores.

Na **Revista Espírita 1866**, mês de janeiro, no artigo “O Espiritismo toma lugar na filosofia e nos conhecimentos usuais”, o Codificador informa sobre a publicação por Maurice Lachâtre (1814-1900) da obra *Novo Dicionário Universal*. Dele toma a explicação da palavra ALMA; dela transcrevemos o seu parágrafo final:

“A encarnação da alma num corpo material é necessária para o seu

aperfeiçoamento; pelo trabalho de que a existência corpórea necessita, a inteligência se desenvolve. Não podendo, numa única existência, adquirir todas as qualidades morais e intelectuais que devem conduzi-la ao objetivo, ela ali chega passando por uma série ilimitada de existências, seja sobre a Terra, seja em outros mundos, em cada um dos quais ela dá um passo no caminho do progresso e se despoja de algumas imperfeições. **Em cada existência a alma leva o que adquiriu nas existências precedentes. Assim se explica a diferença que existe nas aptidões inatas e no grau de adiantamento das raças** ⁽⁴⁷⁾ **e dos povos. [...].”** ⁽⁴⁸⁾

Certamente, o fato de transcrever o significado constante do *Novo Dicionário Universal* foi pelo motivo de concordarmos com a explicação dada por Maurice Lachâtre. Aí se tem a afirmação de que “*em cada existência a alma leva o que adquiriu nas existências precedentes*”; portanto, nosso passado nos acompanha pela eternidade afora, pela razão de sermos Espíritos imortais.

Na **Revista Espírita 1866**, mês de junho, do artigo “Visão retrospectiva de diversas encarnações de um espírito”, transcrevemos:

Pelo doutor Cailleux.

(Sociedade Espírita de Paris, 11 de maio de
1866. - Médium, Sr. Morin.)

Vossa boa acolhida e as boas preces que fizestes em minha intenção me fazem um dever agradecê-las vivamente e vos assegurar de meu eterno devotamento. Depois de minha entrada na verdadeira vida, bem depressa me familiarizei com todas as novidades, mas bem doces exigências de minha situação atual. [...].

[...] Há alguns dias, senti uma espécie de peso se apoderar de meu Espírito, embora conservando a consciência do meu eu, me senti transportado no espaço; cheguei a um lugar que não tem nome para vós, e **me achava numa reunião de Espíritos** que, quando vivos, tinham adquirido alguma celebridade pelas descobertas que fizeram.

Lá, não fiquei surpreso de reconhecer nesses anciãos de todas as idades, nesses nomes de todas as épocas, uma semelhança espiritual comigo. Perguntei-me o que tudo isto queria dizer; lhes dirigi perguntas que minha posição me sugeria, mas meu espanto foi maior ainda, em me ouvindo responder eu mesmo. **Voltei-me, então, para eles e me achava só.**

Eis as minhas deduções.....

Dr. CAILLEUX.

NOTA. - O Espírito, tendo parado aí, continuou na sessão seguinte.

A questão dos fluidos que são o fundo de vossos estudos desempenhou um papel muito grande no fato que vos assinaei na última sessão. Posso, hoje, vos explicar melhor o que se passou, e, em lugar de vos dizer que eram minhas conjecturas, posso vos dizer o que me relevaram **os bons amigos que me guiam no mundo dos Espíritos.**

Quando meu Espírito sofreu uma espécie de entorpecimento, eu estava, por assim dizer, magnetizado pelo fluido de meus amigos espirituais; por uma permissão de Deus, deveria resultar disto uma satisfação moral que, dizem eles, é a minha recompensa, e além disso o encorajamento para caminhar num caminho que meu Espírito segue há um bom número de existências.

Estava, pois, **adormecido por um sono magnético-espiritual; vi o passado** se formar em um presente fictício; reconheci as individualidades desaparecidas em consequência dos tempos, ou antes que não tinham sido senão um único indivíduo. **Vi um ser começar uma obra médica; um outro, mais tarde, continuar a obra deixada esboçada pelo primeiro,** e assim por diante. Nisso **cheguei a ver em menos tempo do que emprego para vo-lo dizer,**

de idade em idade, se formar, crescer e tornar-se ciência, o que, no princípio, não era senão as primeiras tentativas de um cérebro ocupado de estudos para o alívio da Humanidade sofredora. Vi tudo isto, e **quando cheguei ao último desses seres que, sucessivamente, tinham levado um complemento à obra, então me reconheci**. Ali, tudo se desvanecendo, revivi o Espírito ainda atrasado de vosso pobre doutor. Ora, eis a explicação. Não vo-la dou para disso tirar vaidade, longe disto, mas antes para vos fornecer um assunto de estudo, em vos falando do sono espiritual, que, sendo elucidado por vossos guias, não pode senão me ser útil, porque assisto a todos os vossos trabalhos.

Vi, nesse sono, os diferentes corpos que meu Espírito animou há um certo número de encarnações, e todos trabalharam a ciência médica sem jamais se afastar dos princípios que o primeiro tinha elaborado. Esta última encarnação não era para aumentar o saber, mas simplesmente para praticar o que a minha teoria ensinava.

Com tudo isto permaneço sempre vosso devedor; mas se o permitirdes, virei vos pedir lições, e algumas vezes vos dar a minha opinião pessoal sobre certas questões.

Dr. CAILLEUX.

Há aqui um duplo ensinamento: primeiro, **é o fato da magnetização de um Espírito por outros Espíritos, e do sono que lhe foi a consequência;** e, em segundo lugar, da visão retrospectiva dos diferentes corpos que animou.

Há, pois, para os Espíritos, uma espécie de sono, o que é um ponto de contato a mais entre o estado corpóreo e o estado espiritual. Trata-se aqui, é verdade, do sono magnético, mas **existiria para eles um sono natural semelhante ao nosso? Isto não teria nada de surpreendente,** quando se veem ainda **Espíritos de tal modo identificados com o estado corpóreo, que tomam seu corpo fluídico por um corpo material, que creem trabalhar como o faziam sobre a Terra, e que lhe sentem a fadiga.** Se eles sentem a fadiga, devem sentir a necessidade do repouso, e podem acreditar se deitar e dormir, como creem trabalhar, e ir em estrada de ferro. Dizemos que o creem, para falar do nosso ponto de vista; **porque tudo é relativo, e com relação à sua natureza fluídica, a coisa é inteiramente tão real quanto as coisas materiais o são para nós.**

Não são senão os Espíritos de uma ordem inferior que têm semelhantes ilusões; quanto menos são avançados, mais seu

estado se aproxima do estado corpóreo. Ora, esse não pode ser o caso do **doutor Cailleux, Espírito avançado** que se dá perfeitamente conta de sua situação. Mas nisso não é menos verdadeiro que **teve a consciência de um entorpecimento análogo ao sono durante o qual viu suas diversas individualidades.**

Um membro da sociedade explica esse fenômeno desta maneira: No sono humano, só o corpo repousa, mas o Espírito não dorme. Deve ser o mesmo no estado espiritual; o sono magnético ou outro não deve afetar senão o corpo espiritual ou perispírito, e **o Espírito deve se encontrar num estado relativamente análogo ao do Espírito encarnado durante o sono do corpo**, quer dizer, conservar a consciência de seu ser. **As diferentes encarnações do Sr. Cailleux**, que seus guias espirituais queriam fazê-lo ver para sua instrução, puderam se apresentar a ele, como lembrança, da mesma maneira que as imagens se oferecem nos sonhos.

Esta explicação é perfeitamente lógica; **foi confirmada pelos Espíritos** que, provocando o relato do doutor Cailleux, quiseram nos fazer conhecer uma nova fase da vida de além-túmulo. ⁽⁴⁹⁾

O fato muito interessante é que há regressão

de memória entre os espíritos, e em razão dessa viagem ao seu passado o Dr. Cailleux, que assim resumiu: *“Vi, nesse sono, os diferentes corpos que meu Espírito animou há um certo número de encarnações, e todos trabalharam a ciência médica sem jamais se afastar dos princípios que o primeiro tinha elaborado”*. No caso dele, que por várias reencarnações ele foi médico, comprova-se a força da reminiscência a ponto de levar o Espírito a seguir a mesma profissão durante suas vivências no plano físico.

Transcrevemos o seguinte trecho do artigo “Os fenômenos apócrifos”, inserido na **Revista Espírita 1866**, mês de setembro:

- *Tom, o cego, não é um conto de fantasma, mas um fenômeno de inteligência estranho. **Tom é um jovem negro de dezessete anos, cego de nascença, supostamente dotado de um instinto musical maravilhoso.** O Harpes Weekly, jornal ilustrado de Nova Iorque, consagrou-lhe um longo artigo, do qual extraímos as passagens seguintes:*

“Não havia dois anos que ele traduzia, pelo canto, tudo o que feria seu ouvido, e tal era a justeza e a

facilidade com a qual agarrava um motivo, que, ouvindo as primeiras notas de um canto, ele podia executar a sua parte. Logo começou a acompanhar fazendo os segundos, se bem que não tivesse jamais ouvido, mas um instinto natural lhe revelava que alguma coisa de semelhante deveria se cantar.

“Com a idade de quatro anos ouviu pela primeira vez um piano. À chegada do instrumento, ele estava, segundo seu hábito, se divertindo no pátio; a primeira vibração dos toques atraiu-o ao parlatório (o salão). Foi-lhe permitido passear seus dedos sobre as teclas, simplesmente para satisfazer sua curiosidade, e não lhe foi recusado o inocente prazer de fazer um pouco de barulho. **Uma vez, depois da meia-noite, pôde permanecer no palratório onde tinha sabido penetrar. O piano não tinha sido fechado, e as jovens senhoritas da casa foram despertadas pelos sons do instrumento. Para seu grande espanto, elas ouviram Tom tocando um de seus trechos,** e, pela manhã elas o encontraram ainda ao piano. Foi-lhe permitido então tocar quanto lhe aprouvesse; ele fez progressos tão rápidos e tão espantosos que o piano se tornou o eco de tudo o que ele ouvia. **Desenvolveu assim novas e prodigiosas faculdades, desconhecidas, até então, ao mundo musical, e das quais parece**

que Deus reservou o monopólio a Tom. Tinha menos de cinco anos quando, depois de uma tempestade, dela fez um que intitulou: *O que me dizem o vento, o trovão e a chuva.*

“Setenta professores de música, em Filadélfia, espontaneamente cobriram com sua assinatura uma declaração que termina assim: **‘De fato, sob toda forma de exame musical, execução, composição e improvisação, ele mostrou um poder e uma capacidade que o classificam entre os mais espantosos fenômenos dos quais a história da música guardou a lembrança.** Os abaixo-assinados pensam que é impossível explicar esses prodigiosos resultados por algumas das hipóteses que podem fornecer as leis da arte ou da ciência.’

[...].

EBELMANN ⁽⁵⁰⁾ (itálico do original)

Eis um segmento do comentário de Allan Kardec:

Um tal prodígio, mesmo fazendo uma larga parte ao exagero, seria o mais eloquente discurso de defesa em favor da reabilitação da raça negra ⁽⁵¹⁾, num país onde o preconceito da cor está tão enraizado; e, **se não pode ser explicado pelas leis conhecidas da ciência, o será de maneira mais clara e mais racional pela da**

reencarnação, não de um negro num negro, mas de um branco num negro, porque **uma faculdade instintiva tão precoce não poderia ser senão a lembrança intuitiva de conhecimentos adquiridos numa existência anterior.** ⁽⁵²⁾

Esse fantástico caso de Tom, o cego, bem ilustra as tendências instintivas, que, vencendo a sua precária condição social, se torna um destacado músico a ponto de causar admiração e respeito em setenta professores de música, em Filadélfia.

Do artigo “Da homeopatia nas doenças morais”, publicado **Revista Espírita 1867**, mês de março, destacamos o seguinte trecho:

Segundo a Doutrina Espírita, não só o Espírito sobrevive, mas *preexiste* ao corpo; não é um ser novo; **quando nasce, traz as ideias, as qualidades e as imperfeições que possuía**; assim se explicam as ideias, **as aptidões e as tendências inatas.** O pensamento é, pois, *preexistente e sobrevivente ao organismo*. Este ponto é capital, e é por falta de tê-lo reconhecido, que tantas questões permaneceram insolúveis.

[...].

Segundo os indivíduos, **há faculdades, aptidões, tendências que se manifestam desde o próprio início da vida**, outras se revelam em épocas mais tardias, e produzem as mudanças de caráter e de disposições que se notam em certas pessoas. Neste último caso, **geralmente, não são disposições novas, mas aptidões preexistentes** que dormitam até que uma circunstância venha estimular e despertar. Pode-se estar certo de que as disposições viciosas que se manifestam às vezes subitamente e tardiamente, tinham seu germe preexistente nas imperfeições do Espírito, porque este, caminhando sempre para o progresso, se for essencialmente bom, não pode se tornar mau, ao passo que, se for mau pode se tornar bom. ⁽⁵³⁾ (itálico do original)

Se em uma criança é percebido um certo pendor para a maldade, certamente, não foi Deus que a fez nascer assim, mas é puro reflexo de comportamento em vida anterior, que se apresenta como tendência inata. Bem simples, não?

Em “Bibliografia”, na **Revista Espírita 1867**, mês de junho, Allan Kardec comentou sobre a obra “Pesquisas sobre as causas do ateísmo” ⁽⁵⁴⁾:

A autora deste notável escrito, embora sinceramente ligada às crenças católicas, se propôs demonstrar ao Mons. Dupanloup quais são as verdadeiras causas da praga do ateísmo e da incredulidade que invade a sociedade; segundo ela, nas interpretações inadmissíveis hoje, e irreconciliáveis com os dados positivos da ciência. **Ela prova que, em muitos pontos, a Igreja se afastou do sentido real das Escrituras e do pensamento dos escritores sacros**; que a religião não pode senão ganhar com uma interpretação mais racional que, sem tocar nos princípios fundamentais dos dogmas, se conciliem com a razão; que o Espiritismo, fundado sobre as próprias leis da Natureza, é a única chave possível de uma interpretação sadia, e, por isto mesmo, o mais poderoso remédio contra o ateísmo. Tudo isto é dito simplesmente, friamente, sem ênfase nem exaltação, e com uma lógica cerrada. Este escrito é um complemento à *La Foi et la Raison*, pelo Sr. J. B., e aos *Dogmes de l'Eglise du Christ expliqués d'après lê Spiritisme*, pelo Sr. de Bottinn.

Embora mulher, a autora faz prova de uma grande erudição teológica; ela cita e comenta com uma notável justeza os escritores sacros de todos os

tempos, e com quase tanta facilidade quanto o Sr. Flammarion cita os autores científicos; **vê-se que lhe são familiares, o que nos faz dizer que, provavelmente não estão nos inícios dessas matérias, e que deve ter sido algum eminente teólogo em sua precedente existência.** Sem partilhar todas as suas ideias, dizemos que, do ponto de vista em que está colocado, não poderia falar nem melhor, nem de outro modo, e que fez uma coisa útil para a época em que estamos. ⁽⁵⁵⁾

Ao relacionar o conhecimento teológico da autora a aquisição de sua vida precedente, o que entendemos como sendo a imediatamente anterior, o Codificador diz *“embora mulher”*, pois no passado eram os homens que se destacavam na teologia.

Portanto, acreditamos que fica plenamente comprovado que o conhecimento adquirido no passado sempre se faz presente em forma de ideias inatas, reminiscências ou tendências instintivas.

Na **Revista Espírita 1867**, mês de outubro temos publicado:

SENHORA CONDESSA ADELAIDE DE
CLÉRAMBERT,

Médium médico.

A senhora condessa de Clérambert morava em Saint-Symphorien-sur-Coise, departamento do Loire; ela morreu há alguns anos com uma idade avançada. **Dotada de uma inteligência superior,** havia, **desde a juventude, mostrado um gosto particular pelos estudos médicos,** e se comprazia na leitura das obras que tratavam desta ciência. **Nos últimos vinte anos de sua vida,** esteve consagrada ao alívio do sofrimento com um devotamento todo filantrópico e da mais inteira abnegação. **As numerosas curas** que ela operava sobre pessoas reputadas incuráveis lhe tinham dado uma certa reputação; mas, tão modesta quanto caridosa, disto ela não tirava nem vaidade nem proveito.

Aos seus conhecimentos médicos adquiridos, dos quais ela fazia uso, sem dúvida em seus tratamentos, ela juntava uma **faculdade de intuição** que não era outra senão uma mediunidade inconsciente, porque ela tratava, frequentemente, por correspondência, e, sem ter visto os doentes, descrevia perfeitamente a doença; de resto, ela mesma dizia que **recebia instruções, sem explicar sobre a**

maneira pela qual lhe eram transmitidas. Teve muitas vezes manifestações materiais, tais como transportes, deslocamento de objetos e outros fenômenos deste gênero, embora não conhecesse o Espiritismo. Um dia um de seus doentes lhe escreveu que lhe tinha sobrevivendo abscesso, e, para lhe dar uma ideia, dele talhou o molde sobre um folha de papel; mas, tendo esquecido de juntá-lo à sua carta, essa senhora lhe respondeu pelo retorno do correio: “O molde do qual me anunciaste o envio não estando em vossa carta, pensei que foi um esquecimento de vossa parte; venho de encontrá-lo uma manhã em minha gaveta, que deve ser semelhante ao vosso e que vos remeto.” Com efeito, esse molde reproduzia exatamente a forma e o tamanho do abscesso.

Ela não tratava nem pelo magnetismo, nem pela imposição das mãos, **nem pela intervenção ostensiva dos Espíritos**, mas pelo emprego de medicamentos que, o mais frequentemente, ela mesma preparava, depois das indicações que lhe eram fornecidas. Sua medicação variava para a mesma doença, segundo os indivíduos; ela não tinha receita secreta de uma eficácia universal, mas se guiava

segundo a circunstância. O resultado era, algumas vezes, quase instantâneo, e, em certos casos, não se obtinha senão depois de um tratamento continuado, mas sempre curto relativamente à medicina comum. Ela curou radicalmente um grande número de epiléticos e de doentes atingidos de afecções agudas ou crônicas, abandonados pelos médicos.

A senhora de Clérambert não era, pois, um médium curador no sentido ligado a esta palavra, mas um *médium médico*. Ela gozava de uma clarividência que lhe fazia ver o mal, e a guiava nas aplicações dos remédios que lhe eram inspirados, **secundada além disto pelo conhecimento que tinha da matéria médica, e, sobretudo, das propriedades das plantas**. Por seu devotamento, seu desinteresse moral e material, que jamais foram desmentidos, pela sua inalterável benevolência por aqueles que a ela se dirigiam, a senhora de Clérambert, do mesmo modo que o abade príncipe de Hohenlohe, deveu conservar até o fim de sua vida a preciosa faculdade que lhe havia sido concedida, que, sem dúvida, ela teria visto se enfraquecer e desaparecer, se não tivesse perseverado no nobre uso que dela fazia.

[...].

Os documentos da nota acima foram fornecidos por uma pessoa que foi curada pela senhora de Clérambert, e foram confirmados por outras pessoas que a conheceram. Tendo esta notícia sido lida na Sociedade Espírita de Paris, **a senhora de Clérambert deu a resposta adiante.**

(Sociedade Espírita de Paris, 5 de abril de 1867. Méd. Sr. Desliens.)

Evocação. – O relato que acabamos de ler nos dá naturalmente o desejo de conversar convosco, e de vos contar entre os Espíritos que consentem concorrer à nossa instrução. Esperamos que consintais atender ao nosso chamado, e, neste caso, tomamos a liberdade de vos dirigir as perguntas seguintes:

1 – Que pensais da notícia que se acaba de ler e das reflexões que a acompanham?

2 – Qual é a origem do vosso gosto inato pelos estudos médicos?

3 – Por que via recebíeis as inspirações que vos eram dadas para o tratamento dos doentes?

4 – Podeis, como Espírito, continuar a prestar os serviços que prestáveis como encarnada, quando fordes chamada por um

doente, com a ajuda de um médium?

Reposta. – Eu vos agradeço, **senhor presidente**, pelas palavras benevolentes que consentistes pronunciar em minha intenção, e aceito de boa vontade o elogio que fizestes de meu caráter. É, creio, a expressão da verdade, e não teria o orgulho ou a falsa modéstia de recusá-lo. Instrumento escolhido pela Providência, sem dúvida, por causa de minha boa vontade e da aptidão particular que favorecia o exercício de minha faculdade, não fiz senão o meu dever em me consagrando ao alívio daqueles que reclamavam o meu socorro. [...].

[...].

Desde a minha mais tenra infância, e por uma espécie de atração natural, ocupei-me do estudo das plantas e de sua ação salutar sobre o corpo humano. De onde me veio este gosto comumente pouco natural ao meu sexo? Eu o ignorava então, mas **sei hoje que não foi a primeira vez que a saúde humana foi objeto das minhas mais vivas preocupações: eu havia sido médico**. Quanto à faculdade particular que me permitia ver a distância o diagnóstico das afecções de certos doentes (porque eu não via por todo o mundo), e de prescrever os

medicamentos que deveriam restituir a saúde, ela era muito semelhante à de vossos médiuns médicos atuais; como eles, **eu estava em relação com um ser oculto que se dizia Espírito**, e cuja influência salutar me ajudou poderosamente a aliviar os infortunados que reclamavam a mim. Ele me havia prescrito o desinteresse mais completo, sob pena de perder instantaneamente uma faculdade que fazia a minha felicidade. [...].

Tendes razão, senhor, de dizer que os médicos serão chamados um dia a desempenharem um papel da mesma natureza que o meu, quando o Espiritismo tiver tomado influência considerável que o fará, no futuro, o instrumento universal do progresso e da felicidade dos povos! Sim, certos médicos terão faculdades dessa natureza, e poderão prestar serviços tanto maiores quanto seus conhecimentos adquiridos lhes permitirão assimilar espiritualmente mais facilmente as instruções que lhes serão dadas. **Há um fato que deveis ter notado, é que as instruções que tratam de assuntos especiais são tanto mais facilmente e tanto mais largamente desenvolvidas, quanto os conhecimentos pessoais do Médium estejam mais aproximados da**

natureza daquelas que está chamado a transmitir. Também, certamente, eu poderia prescrever os tratamentos aos doentes que a mim se dirigissem para obter sua cura, mas eu não o faria com a mesma facilidade com todos os instrumentos; ao passo que uns transmitiriam facilmente minhas receitas, outros não poderiam fazê-lo senão incorretamente ou incompletamente. [...].

ADÉLE DE CLÉRAMBERT.

Nota. O Espírito assina Adéle, ao passo que, quando viva, ela se chamava Adelaide; tendo-lhe perguntado a razão, ela respondeu que Adéle era seu verdadeiro nome, e que não era senão por um hábito de infância que se a chamava Adelaide. ⁽⁵⁶⁾
(itálico do original)

Pelo que pudemos entender, que na Condessa de Clérambert as suas reminiscências de vidas pregressas podem ser percebidas por: a) desde a tenra infância ter *“uma espécie de atração natural, ocupei-me do estudo das plantas”* e b) na sua juventude demonstrar um gosto pelos estudos médicos.

O fato de também ser uma médium, essas tendências instintivas favoreceram o seu mandato mediúnico.

Como prometido, agora será mencionado o caso de William Georg Jr., relacionado na obra *Reencarnação: Vinte Casos* (1966 [57]) (58), de autoria do Dr. Ian Stevenson. Nós o tomaremos pela narrativa da jornalista Elsie Dubugras (1904-2006) no artigo “Alasca – as crenças dos tlingits”, publicado na revista **Planeta Especial - Reencarnação**:

Trata-se do caso do pescador William George, membro da tribo dos tlingits, Alasca, EEUU. Em várias ocasiões, conversando com seu filho e sua nora, ele disse que **iria reencarnar como filho deles** e que **seria reconhecido pelas marcas que traria no corpo, semelhantes às que tinha no ombro esquerdo e na face interna do antebraço**. Em julho de 1.949 **entregou a seu filho um relógio de ouro que estimava muito**, pedindo que o conservasse para quando retornasse em outra existência. No mês seguinte William George saiu para pescar e desapareceu, sem que seu corpo fosse jamais encontrado.

Pouco tempo depois sua nora engravidou

e, a 5 de maio de 1.950, deu à luz a um menino. **Durante o parto ela sonhou que seu sogro aparecera** e, quando voltou a si depois do parto, esperava ver o sogro (talvez como um espírito) em sua forma adulta anterior. Mas o que viu foi um bebê robusto que trazia em seu corpo sinais exatamente iguais aos que seu sogro tinha em vida e também nas mesmas regiões. A identificação dessas marcas de nascença levou os pais a chamá-lo de William George Júnior.

À medida que o menino crescia, **mostrava traços de gostos, aversões e aptidões semelhantes aos do avô**. Este, por exemplo, costumava virar o pé direito para fora, hábito que o menino também apresentava. Os traços faciais, a tendência à irritabilidade, o hábito de dar conselhos, o conhecimento de pesca e de barcos e dos lugares piscosos eram semelhantes aos do avô, e, o que é bastante estranho, **o jovem tinha um incomum medo da água**. Também era mais sério e sisudo que seus companheiros.

Além dessas características, o menino mostrava marcante identificação entre a sua personalidade e a do seu avô, dizia que a tia-avó era sua irmã e tratava os outros como se fossem filhos ou filhas.

Quanto ao relógio de ouro, um dia sua mãe resolveu examinar as joias que possuía

e tirou-as juntamente com o relógio, do porta-joias. Quando o garoto viu o que ela estava fazendo, agarrou o relógio dizendo que era seu e só com muita dificuldade a mãe conseguiu que ele o devolvesse.

Os familiares do menino, que foram cuidadosamente inquiridos pelo pesquisador, afirmaram, categoricamente, que jamais haviam falado sobre o relógio ou mencionado as palavras de William George.

O caso de William George Jr mostra as seguintes evidências reencarnacionistas: recordações iniciando-se na infância, visão, *déjà vu* (reconhecimento de um lugar onde nunca se esteve antes), sonhos anunciadores, informações da própria pessoa antes de morrer, prometendo voltar, defeitos congênitos e marcas de nascença, aptidões inatas ou *sankharâ*. ⁽⁵⁹⁾

Fora a questão de reconhecer o relógio de ouro que entregara a seu filho, vejamos estes três pontos interessantes do relato:

1º) À medida que crescia, mostrava traços de gostos, aversões e aptidões semelhantes ao avô.

2º) Tinha medo incomum da água, algo curioso, pois seu avô saiu para pescar e nunca mais voltou.

3º) Conhecimento de pescas, de barcos e dos lugares piscosos, idênticos aos do avô.

Tudo isso tem relação com ideias inatas, que nada mais são que reminiscências do passado, portanto, temos aí uma indiscutível comprovação de sua realidade.

O que são os gênios?

A patente prova de que os conhecimentos anteriores não se perdem – ao contrário, se manifestam – pode ser observada, especialmente, nas pessoas que designamos como gênios.

No cap. XV – Médiuns escreventes e psicógrafos da Segunda Parte de **O Livro dos Médiuns**, do item 183 transcrevemos:

Os homens de gênio, de todas as espécies, artistas, sábios, literatos, **são sem dúvida Espíritos adiantados**, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Ora, é justamente por julgá-los capazes que os Espíritos, quando querem executar certos trabalhos, lhes sugerem as ideias necessárias, **de modo que eles são, na maioria das vezes, médiuns sem o saberem**. Não obstante, eles têm vaga intuição de uma assistência estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração mais não faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria, com tanta frequência: meu bom gênio [anjo da guarda], vem em meu auxílio? ⁽⁶⁰⁾

O ponto importante é a afirmação de que os homens de gênio são, sem dúvida, Espíritos adiantados. Ora, se estão nesse grau evolutivo é porque se desenvolveram intelectual e moralmente em vidas passadas, e trazem tudo para a atual como reminiscências.

Essa é a única explicação possível, algo que ficará claro nesta questão do cap. II - Noções Elementares de Espiritismo da obra **O Que é o Espiritismo**:

119. *Como se podem revelar **gênios** nas classes da sociedade inteiramente privadas de cultura intelectual!*

É um fato que prova serem as ideias inatas independentes do meio em que o homem foi educado. O ambiente e a educação desenvolvem as ideias inatas, mas não no-las podem dar. **O homem de gênio é a encarnação de um Espírito adiantado que muito houvera já progredido.** A educação pode fornecer a instrução que falta, mas não o gênio, quando este não exista. ⁽⁶¹⁾

Novamente, encontramos a explicação que o homem de gênio é a encarnação de um Espírito

adiantado, na qual foi acrescentado “*que muito houvera já progredido*”, corroborando que o nosso passado se faz presente pelas reminiscências, intuições instintivas e ideias inatas.

Vamos citar o artigo “A cabeça de Garibaldi”, publicado na **Revista Espírita 1861**, mês de março, pois há um trecho interessante. Seu início tem o seguinte teor:

O *Siècle*, de 4 de fevereiro contém uma carta do **doutor Riboli que foi a Caprera examinar a cabeça de Garibaldi, do ponto de vista frenológico**. Não entra no nosso quadro apreciar o julgamento do doutor, e ainda menos o personagem político; mas a leitura dessa carta nos forneceu algumas reflexões que, naturalmente, aqui encontram seu lugar.

O doutor Riboli acha que **a organização cerebral de Garibaldi corresponde perfeitamente a todas as eminentes faculdades morais e intellectuais que o distinguem, [...]**. ⁽⁶²⁾

Os adeptos da frenologia, acreditavam que as saliências do crânio estariam relacionadas aos aspectos da personalidade e caráter do indivíduo ⁽⁶³⁾.

Para ser objetivo, não serão transcritas as explicações do Dr. Riboli; iremos direto ao trecho dos comentários de Allan Kardec que nos interessa:

Isso não é tudo. Considerando essa cabeça poderosa, hoje, não há alguma coisa de terrível em pensar que, amanhã, talvez, **desse gênio** nada restaria, absolutamente nada senão a matéria inerte que será a pastagem dos vermes? Sem falar das funestas consequências de um semelhante sistema, se fora acreditado diremos que ele formiga de contradições inexplicadas, e que os fatos as demonstram a cada passo. **Tudo se explica, ao contrário, pelo sistema espiritualista: as faculdades não são o produto dos órgãos, mas os atributos da alma**, cujos órgãos não são senão os instrumentos servindo para a sua manifestação. Sendo a faculdade independente, a sua atividade leva o desenvolvimento do órgão, como o exercício de um músculo aumenta-lhe o volume. **O ser pensante é o ser principal**, cujo corpo não é senão um acessório destrutível. **O talento, então, é um mérito real, porque ele é o fruto do trabalho**, e não o resultado de uma matéria mais ou menos abundante. Com o sistema materialista, o trabalho com a ajuda do qual se adquire o talento, está inteiramente perdido na morte, que frequentemente não deixa o tempo de

desfrutá-lo; com a alma, o trabalho tem a sua razão de ser, porque tudo o que a alma adquire serve para o seu desenvolvimento; trabalha-se por um ser imortal, e não por um corpo que, talvez, não tenha senão algumas horas para viver.

Mas, dir-se-á, o gênio não se adquire; ele é inato; é verdade; mas, também, porque dois homens nascidos nas mesmas condições são tão discordantes do ponto de vista intelectual? Por que Deus favoreceria um mais do que o outro? Por que daria a um os meios de progredir que recusaria ao outro? Qual é o sistema filosófico que resolveu esse problema? **Só a doutrina da preexistência da alma pode explicar: o homem de gênio já viveu, tem aquisição, experiência,** e a esse título tem mais direitos a nosso respeito que se tivesse a superioridade por um favor não justificado da Providência, ou do capricho da Natureza. Gostamos de crer que o doutor Riboli viu na cabeça daquele que não tocava, por assim dizer, senão com um temor respeitoso, qualquer coisa mais digna de sua veneração que uma massa de carne, e que não a rebaixou ao papel de uma mecânica desorganizada. Lembra-se desse trapeiro filósofo que, vendo um cão morto no canto da rua, dizer-se à parte: o que é senão nós! Pois bem! Todos vós que negais a existência futura, eis a que reduzis os maiores gênios. ⁽⁶⁴⁾

O Codificador deixa claro que o talento ou a genialidade se explica pela doutrina da preexistência da alma; daí “*o homem de gênio já viveu, tem aquisição, experiência*” que se apresentam em forma de reminiscências.

No tópico “Dissertações espíritas”, publicado na ***Revista Espírita 1867***, mês de maio, vamos encontrar o seguinte diálogo:

O GÊNIO.

(Douai, 13 de março de 1867. Médium, Sr...)

Pergunta. O gênio é distribuído a cada Espírito segundo sua aquisição, ou segundo uma lei divina em relação com as necessidades de um povo ou de uma Humanidade?

Resposta. **O gênio, caros filhos, é a irradiação das aquisições anteriores.** Essa irradiação é o estado de Espírito no desligamento ou nas encarnações superiores: há, pois, duas distinções a fazer. O gênio, o mais comum entre vós, é simplesmente o estado de um Espírito do qual uma ou duas faculdades permaneceram abertas e em estado de agir livremente; ele recebeu um corpo que permite seu desabrochar em sua plenitude

adquirida. A outra espécie de gênio é o Espírito que vem dos mundos felizes e avançados, onde a aquisição é universal sobre todos os pontos; onde todas as faculdades da alma chegaram a um grau eminente, desconhecido sobre a Terra. **Estas espécies de gênios se distinguem dos primeiros por uma aptidão fora do comum a todos os talentos, a todos os estudos.** Eles concebem todas as coisas por uma intuição segura e que confunde a ciência adquirida dos mais sábios. Eles excedem em bondade, em grandeza de alma, em verdadeira nobreza, em obras excelentes. Eles são as luzes, os iniciadores, os exemplos. São os homens de outras terras, vindos para fazer resplandecer a luz do alto num mundo obscuro, do mesmo modo que se enviam, entre os bárbaros para instruí-los alguns sábios de uma capital civilizada; tais foram entre vós, os homens que, em diversas épocas, fizeram a Humanidade avançar, os sábios que recuaram os limites dos conhecimentos e dissiparam as trevas da ignorância. Eles viram e pressentiram o destino terrestre, tão longe que estivessem do cumprimento desse destino; todos lançaram os fundamentos de alguma ciência, ou dela foram o ponto culminante.

O gênio não é, pois, gratuito, e não

está subordinado a uma lei; ele sai do próprio homem e de seus antecedentes. Refleti que os antecedentes são inteiramente o homem. O criminoso o é por seus antecedentes; o homem de mérito, o homem de gênio são superiores pela mesma causa. **Tudo não está velado na encarnação ao ponto que não transpareça nada de nosso ser anterior.** A inteligência e a bondade são luzes muito vivas, focos muito ardentes para que a vida terrestre os reduzisse à obscuridade.

As provas a sofrer podem bem velar, atenuar algumas de vossas faculdades, adormecê-las, mas, se elas chegaram a um alto grau, o Espírito não pode delas perder inteiramente a posse e o exercício; há nele a segurança de que as tem sempre à sua disposição; frequentemente mesmo, ele não pode consentir em delas se privar. Está aí o que causa as vidas tão dolorosas de certos homens avançados que gostaram mais de sofrer pelas suas altas faculdades do que deixá-las se desvanecer por um tempo.

Sim, todos nós somos pela esperança, e **alguns pela lembrança, cidadãos dessas altas esferas celestes** onde o pensamento irradia puro e poderoso. Sim, todos seremos Platões, Aristóteles, Erasmos;

nosso Espírito não verá mais empalidecer as suas aquisições sob o peso da vida do corpo, onde se apaga sob o peso da velhice e das enfermidades.

Amigos, eis verdadeiramente a mais sublime esperança; que estão junto de tudo isto as dignidades e os tesouros que se colocam aos pés desses homens; os soberanos esmolam suas obras, se separam de sua presença. – Crede que essas honras vãs os bajulam? Não; a lembrança de sua gloriosa pátria é muito viva. Eles remontam felizes sobre o raio de sua glória, a esses mundos que seu Espírito lamenta sem cessar.

Terra! Terra! Região fria, escura, agitada; terra cega, ingrata e rebelde! Não podias lhes fazer esquecer a pátria celeste onde tinham vivido, onde voltarão a viver.

Adeus, amigos, estejais seguros que todo homem de bem tornar-se-á cidadão desses mundos felizes, dessas Jerusaléns esplêndidas, onde o Espírito vive livre em seu corpo etéreo, possuindo, sem nuvens e sem véus, todas suas aquisições; então, conhecereis tudo o que aspirais conhecer, compreendereis tudo o que procurais compreender, mesmo meu nome, caro médium, que não quero dizer-te.

UM ESPÍRITO. (65)

É interessante a informação de que entre os gênios alguns, por serem Espíritos elevados, podem ter vindo de mundos superiores à Terra.

A genialidade é conquista pessoal do Espírito, não é “dom” que Deus teria dado a certos indivíduos.

O teor da frase *“Tudo não está velado na encarnação ao ponto que não transpareça nada do nosso ser anterior”* é plenamente confirmado pelas reminiscências, tendências instintivas e ideia inatas.

O artigo “Caracteres da Revelação Espírita”, primeiramente foi publicado na Revista Espírita 1867, mês de setembro (⁶⁶), depois foi parar no cap. I – Caráter da Revelação Espírita” de **A Gênese**, do qual transcrevemos o item 5:

5. Mas o professor não ensina senão o que aprendeu: é um revelador de segunda ordem; **o homem de gênio ensina o que descobriu por si mesmo**: é o revelador primitivo; traz a luz que pouco a pouco se vulgariza. Que seria da humanidade sem a revelação dos homens de gênio que aparecem de tempos em tempos? Mas quem são esses homens de gênio? E por que são

homens de gênio? De onde vieram? Que é feito deles? **Notemos que a maioria deles traz, ao nascer, faculdades transcendentais e alguns conhecimentos inatos, que com pouco trabalho desenvolvem.** Pertencem realmente à humanidade, pois nascem, vivem e morrem como nós. Onde, pois, adquiriram esses conhecimentos que não puderam aprender durante a vida? Dir-se-á, como os materialistas, que o acaso lhes deu a matéria cerebral em maior quantidade e de melhor qualidade? Neste caso, não teriam mais mérito que um legume maior e mais saboroso do que outro.

Dir-se-á, como certos espiritualistas, que Deus lhes deu uma alma mais favorecida que a do comum dos mortais? Suposição igualmente ilógica, pois que qualificaria Deus de parcial. A única solução racional do problema está na preexistência da alma e na pluralidade das existências. **O homem de gênio é um Espírito que, tendo vivido mais tempo, adquiriu e progrediu mais** do que aqueles que estão menos adiantados. **Ao encarnar, traz o que sabe** e, como sabe muito mais do que os outros e não precisa aprender, é chamado homem de gênio. **Mas seu saber é fruto de um trabalho anterior** e não resultado de um privilégio. **Antes de renascer, já era Espírito adiantado;** reencarna para fazer que outros aproveitem

do seu saber ou para adquirir mais do que possui. ⁽⁶⁷⁾)

Sem dúvida alguma, aqui, mais uma vez, constata-se “o *passado no presente*”, por meio das reminiscências de experiências pregressas, que constituem a causa da genialidade. São homens de alto grau de inteligência e saber que, não raro, encontramos à nossa volta.

Estranhas ações precoces de crianças

Traremos dois casos bem curiosos que estão registrados na *Revista Espírita*.

O primeiro deles foi publicado na **Revista Espírita 1866**, mês de junho:

MONOMANIA INCENDIARIA PRECOCE.

ESTUDO MORAL

Lê-se no *Salut public de Lyon*, de 23 de fevereiro de 1866:

“A questão médico-legal de monomania homicida e de monomania incendiaria, diz o *Moniteur judiciaire*, foi e será, conforme toda a probabilidade, frequentemente ainda agitada diante dos tribunais e cortes criminais.

“A propósito de **monomania incendiaria**, podemos citar **uma criança de Lyon, hoje com a idade de quatro anos e meio**, filho de honestos operários de seda, domiciliados na Guillotière, que **parece levar nele, em último grau, o instinto do incêndio**. Apenas seus olhos se abriram à luz, a visão das chamas parecia alegrá-lo. **Aos dezoito meses, sentia**

prazer em fazer jorrar o fogo de um fósforo químico; aos dois anos, metia o fogo nos quatro cantos de uma enxerga, e aniquilava em parte o modesto mobiliário de seus pais. Hoje, com as reprimendas que lhe são feitas, não responde senão pelas ameaças de incêndio, e na semana última ainda, ele tentava, com ajuda de alguns ramos de palha e de diversos pedaços de papel, colocar fogo na alcova onde dormem seu pai e sua mãe.

“Deixamos aos especialistas o cuidado de procurarem as causas de uma tal monomania. Se ela não desaparece com a idade, que sorte estará reservada ao infeliz que por ela é atingido?”

O autor do artigo diz que deixa aos especialistas o cuidado de procurarem as causas de uma tal monomania. De quais especialistas quer falar? É dos médicos em geral, dos alienistas, dos sábios, dos frenologistas, dos filósofos ou dos teólogos? Cada um deles encara a questão do ponto de vista de suas crenças materialistas, espiritualistas ou religiosas. Os materialistas, negando todo princípio inteligente, distinto da matéria, incontestavelmente, são os menos próprios para resolvê-la de maneira completa. Fazendo do organismo a única fonte das faculdades e das inclinações, fazem do homem uma máquina movida fatalmente por uma força irresistível, sem livre arbítrio

e, consequentemente, sem responsabilidade moral de seus atos. Com um tal sistema, todo criminoso pode se desculpar em sua constituição, que não dependeu dele fazê-la melhor. Numa sociedade onde esse princípio fosse admitido como verdade absoluta, não haveria culpados moralmente falando, e seria tão ilógico citar em juízo os homens quanto os animais.

Não falamos aqui senão das consequências sociais das doutrinas materialistas; quanto às suas impossibilidades em resolver todos os problemas morais, ela está suficientemente demonstrada.

Dir-se-á, com alguns, que as inclinações são hereditárias como os vícios de constituição? Ser-lhes-iam opostos os inumeráveis fatos onde os pais mais virtuosos têm filhos instintivamente viciosos, e reciprocamente. Naquele que nos ocupa, é notório que a criança não herdou sua monomania incendiaria de nenhum membro de sua família.

Os espiritualistas reconhecerão, sem dúvida, que esse pendor prende-se a uma imperfeição da alma ou Espírito, mas nisso não serão menos detidos por dificuldades insuperáveis com os únicos elementos que se possuem até este dia; e a prova que os dados atuais da ciência, da filosofia e da teologia não fornecem nenhum

princípio sólido para a solução dos problemas desta natureza, é que deles não há um único que seja bastante evidente, bastante racional para reunir a maioria, e o que se tem está reduzido a opiniões individuais, todas divergentes umas das outras.

Os teólogos que admitem como ponto de dogma a criação da alma no nascimento de cada corpo são, talvez, os mais embaraçados para conciliar essas perversidades naturais com a justiça e a bondade de Deus. Segundo sua doutrina, eis, pois, uma criança criada com um instinto incendiado, votada, desde a sua formação, ao crime e a todas suas consequências para a vida presente e a vida futura! Como há crianças instintivamente boas e outras más, Deus criou, pois, almas boas e outras más? É a consequência lógica.

Por que essa parcialidade? Com a doutrina materialista o culpado se desculpa em seu organismo; com a da Igreja, nisso pode-se prender a Deus, dizendo que não é por sua culpa se ele o criou com defeitos.

É de admirar que haja pessoas que neguem Deus quando o mostram injusto e cruel em seus atos, parcial para com suas criaturas? É a maneira pela qual a maioria das religiões o representam que faz os incrédulos e os ateus. Se disso se tivesse sempre feito um quadro em todos os pontos

conciliável com a razão, não haveria incrédulos; é por falta de poder aceitá-lo tal como o fazem, com as pequenezes e as paixões humanas que lhe emprestam, que tantas pessoas procuram fora dele a explicação das coisas.

Todas as vezes que a teologia, pressionada pela inexorável lógica dos fatos, se encontra num impasse, ela se esconde atrás destas palavras: “Mistério incompreensível!” Pois bem! Cada dia vê-se levantar-se um canto do véu do que outrora era mistério, e a questão que nos ocupa é deste número.

Esta questão está longe de ser pueril, estar-se-ia em erro em ver nisso um fato isolado, ou, querendo-se, uma anomalia, uma bizarrice da Natureza sem consequência. Ela **toca todas as questões de educação e de moralização da Humanidade, e, por isto mesmo, aos mais graves problemas de economia social.** É procurando a causa primeira dos instintos e dos pendores inatos que se descobrirão os meios mais eficazes de combater os maus e de desenvolver os bons. Quando essa causa for conhecida, a educação possuirá a mais possante alavanca moralizadora que jamais teve.

Não se pode negar **a influência do meio** e do exemplo sobre o desenvolvimento dos bons e dos maus instintos, porque o

contágio moral é tão manifesto quanto o contágio físico. **No entanto, essa influência não é exclusiva**, uma vez que se veem seres perversos nas famílias mais honradas, ao passo que outros saem puros da lama. **Há, pois, incontestavelmente, disposições naturais, e, duvidando-se disto, o fato que nos ocupa disso seria uma prova irrecusável.** Assim, **eis uma criança, que, antes de saber falar, se compraz com a visão da destruição pelo fogo;** que, aos dois anos, incendeia voluntariamente um mobiliário, e que, aos quatro anos, compreende de tal modo esse fato, que responde às reprimendas por ameaças de incêndio.

Ó vós todos, médicos e sábios, que procurais com tanta avidez os menores casos patológicos insólitos, para deles fazer o assunto de vossas meditações, que não estudais com o mesmo cuidado esses fenômenos estranhos que podem, com razão, ser qualificados de patologia moral! Que não procurais vos dar conta disso, a descobrir-lhe a fonte! A Humanidade nisto ganharia ao menos tanto quanto à descoberta de uma rede nervosa.

Infelizmente, a maioria daqueles que não desdenham se ocupar dessas questões, o fazem partindo de uma ideia preconcebida à qual querem tudo sujeitar: o materialista às leis exclusivas da matéria, o espiritualista à ideia que se faz da natureza da alma

segundo suas crenças. Antes de concluir, o mais sábio é de estudar todos os sistemas, todas as teorias, com imparcialidade, e de ver aquela que resolve o melhor e mais logicamente o maior número de dificuldades.

A diversidade das aptidões intelectuais e morais inatas, independentes da educação e de toda aquisição moral na vida presente, é um fato notório: é o conhecido. Partindo desse fato para chegar ao desconhecido, diremos que se a alma é criada no nascimento do corpo, fica evidente que Deus criou almas de todas as qualidades. Ora, esta doutrina sendo irreconciliável com o princípio da soberana justiça, forçosamente, deve ser afastada. Mas se a alma não é criada no nascimento do indivíduo, é que ela existia antes. Com efeito, **é na preexistência da alma que se encontra a única solução possível e racional da questão** e de todas as anomalias aparentes das faculdades humanas. **As crianças que têm, instintivamente, aptidões transcendentais por uma arte ou uma ciência, que possuem certos conhecimentos sem tê-los aprendido,** como os calculadores naturais, como aqueles aos quais a música parece familiar em nascendo; esses linguistas natos, como uma senhora da qual teremos mais tarde

ocasião de falar, que, aos nove anos, dava lições de grego e de latim aos seus irmãos, e aos doze anos lia e traduzia o hebraico, **deveu aprender essas coisas em alguma parte; uma vez que não foi nesta existência, deve ter sido numa outra.**

Sim, o homem já viveu, não uma vez, mas talvez mil vezes; em cada existência suas ideias se desenvolveram; **adquiriu conhecimentos dos quais traz a intuição na existência seguinte e que o ajudam a adquiri-los novos.** Ocorre o mesmo com o progresso moral. Os vícios dos quais se desfaz não reaparecem mais; aqueles que conservou se reproduzem até que deles esteja definitivamente corrigido.

Em uma palavra, **o homem nasce aquilo que se fez ele mesmo.** Aqueles que viveram mais, mais adquiriram e melhor aproveitaram, são mais avançados do que os outros; **tal é a causa da diversidade dos instintos e das aptidões que se notam entre eles;** tal é também a causa pela qual vemos sobre a Terra selvagens, bárbaros e homens civilizados. A pluralidade das existências é a chave de uma multidão de problemas morais, e foi por falta de ter conhecido esse princípio que tantas questões permaneceram insolúveis.

Que se a admita somente a título de simples hipótese, querendo-se, e ver-se-ão todas as dificuldades se aplainarem.

O homem civilizado chegou a um ponto em que não se contenta mais com a fé cega; ele quer se dar conta de tudo, saber o porquê e o como de cada coisa; preferirá, pois, uma filosofia que explica àquela que não explica. De resto, a ideia da pluralidade das existências, como todas as grandes verdades, germina numa multidão de cérebros, fora do Espiritismo, e como ela satisfaz a razão, não está longe o tempo em que será colocada na classe das leis que regem a Humanidade.

Que diremos agora da criança que é o assunto deste artigo? Seus instintos atuais se explicam por seus antecedentes. Ela nasceu incendiaria, como outros nasceram poetas ou artistas, porque, **sem nenhuma dúvida, foi incendiaria numa outra existência**, e disto conservou o instinto.

Mas então, dir-se-á, se cada existência é um progresso, o progresso é nulo para ela nesta.

Não é uma razão. De seus instintos atuais, não é preciso concluir que o progresso seja nulo. **O homem não se despoja subitamente de todas as suas imperfeições.** Essa criança delas tinha outras, provavelmente, que se tornariam

pior do que não o seriam hoje; ora, não tivesse avançado senão um passo, não tivesse mesmo senão o arrependimento e o desejo de se melhorar, isto seria sempre um progresso. **Se esse instinto se manifesta nela de maneira tão precoce, é para chamar finalmente a atenção sobre as suas tendências**, a fim de que seus pais e aqueles que serão encarregados de sua educação cuidem de reprimi-las antes que elas se desenvolvam. Talvez ela mesma tenha pedido que assim fosse, e para nascer numa família honrada, pelo desejo de progredir.

É uma grande tarefa para seus pais, porque é uma alma desviada que lhe é confiada para conduzi-la ao caminho reto, e sua responsabilidade seria grande se não fizessem, para esse fim, tudo o que está em seu poder. Se seu filho fosse doente, cuidariam dele com solicitude; devem considerá-lo como atacado de uma doença moral grave que requer cuidados não menos assíduos.

Segundo todas essas considerações, cremos, sem vaidade, que os Espíritas são os melhores especialistas em semelhante circunstância, precisamente porque dedicam-se ao estudo dos fenômenos morais, e os apreciam, não segundo ideias pessoais, mas segundo as leis naturais.

Tendo esse fato sido apresentado à Sociedade de Paris, como assunto de estudo, a pergunta seguinte foi colocada aos Espíritos:

Qual é a origem do instinto incendiário precoce nesta criança, e quais seriam os meios de combatê-lo pela educação? Quatro respostas concordantes foram dadas; não citaremos senão as duas seguintes.

(Sociedade de Paris, 13 de abril de 1866. –
Médium, Sr. Br...)

I

Perguntais qual foi a existência dessa criança que mostra um pendor tão precoce para a destruição, e particularmente para o incêndio. **Ah! seu passado é horrível e suas tendências atuais vos dizem bastante o que pôde fazer.** Ela veio para expiar, e deve lutar contra seus instintos incendiários. É uma grande prova para seus pais, que estão constantemente sob o golpe de seus erros, e não sabem como reprimir esse funesto pendor.

O conhecimento do Espiritismo lhes seria um poderoso recurso, e Deus, em sua misericórdia, lhes concederá essa graça, porque é só por esse conhecimento que se pode esperar melhorar esse Espírito.

Essa criança é uma prova evidente da anterioridade da alma à encarnação

presente. Vós o vedes: esse estranho estado moral desperta a atenção e faz refletir. Deus se serve de todos os meios para vos fazer chegar ao conhecimento da verdade no que diz respeito à vossa origem, ao vosso progresso e ao vosso fim.

UM ESPÍRITO.

(Médium, senhorita Lat...)

II

O Espiritismo já desempenhou um grande papel em vosso mundo, mas o que vistes não é senão o prelúdio do que estais chamados a ver. Quando a ciência fica muda diante de certos fatos, e que a religião não pode mais resolvê-los, o Espiritismo vem lhes dar a solução. Quando a ciência falta aos vossos sábios, deixam a causa de lado, por falta de explicações suficientes. Em muitas circunstâncias, as luzes do Espiritismo lhes poderiam ser de um grande recurso, notadamente nesse caso de monomania incendiária. Para eles, é um gênero de loucura, porque olham todas as monomanias como loucuras; está aí um grande erro. Aqui a medicina nada tem a fazer, cabe aos Espíritas agirem.

Não é admissível para vós que esse pendor à destruição pelo fogo não date senão da presente existência; é preciso remontar mais alto, e ver nas

inclinações perversas dessa criança um reflexo de seus atos anteriores.

Ela é demais impelida por aqueles mesmos que foram suas vítimas, porque, para satisfazer sua ambição, não recuou nem diante do incêndio, nem diante do sacrifício daqueles que poderiam lhe fazer obstáculo. Em uma palavra, ele está sob a influência de Espíritos que ainda não o perdoaram os tormentos que lhes fez suportar. Eles esperam a vingança.

Ele tem por prova sair vitorioso da luta; mas Deus, em sua soberana justiça, colocou o remédio ao lado do mal; com efeito, esse remédio está em sua juventude e na boa influência do meio onde está. Hoje a criança nada pode para o momento; cabe aos pais velar; mais tarde deverá vencer ela mesma, e enquanto ela não for senhora da posição, a luta se perpetuará. Seria preciso que fosse educada nos princípios do Espiritismo; ali hauriria a força, e, compreendendo a sua prova, teria mais vontade para dela triunfar.

Bons Espíritos, encarregados de esclarecer os encarnados, voltai vossos olhares para esse pobre pequeno ser cujo castigo é justo; ide a ele, ajudai-o, dirigi seus pensamentos para o Espiritismo, a fim de que triunfe mais depressa, e que a luta termine para a sua vantagem.

UM ESPÍRITO. ⁽⁶⁸⁾ (itálico do original)

Vamos encontrar o segundo caso na **Revista Espírita 1867**, mês de fevereiro, tópico “Variedades”:

*EUGÉNIE COLOMBE. PRECOCIDADE
FENOMENAL.*

Vários jornais reproduziram o fato seguinte:

“A *Sentinelle*, de Toulon, fala de um jovem fenômeno que se admira neste momento naquela cidade.

“É uma criança com a idade de dois anos e onze meses, chamada: Eugénie Colombe.

“Esta criança já sabe perfeitamente ler e escrever, e além disto está em estado de sustentar o mais sério exame sobre os princípios da religião cristã, sobre a gramática francesa, a geografia, a história da França e as quatro regras da aritmética.

“Ela conhece a rosa dos ventos e sustenta perfeitamente uma discussão científica sobre todos estes assuntos.

Esta admirável criança **começou a falar muito distintamente com a idade de quatro meses.**

“Apresentada nos salões da prefeitura marítima, Eugénie Colombe, dotada de um

rosto encantador, obteve um sucesso de entusiasmo.”

Este artigo nos pareceu, assim como a muitas outras pessoas, cheio de um tal exagero, que não lhe tínhamos ligado nenhuma importância. No entanto, para saber positivamente a que nos ater, pedimos a um de nossos correspondentes, oficial da marinha, em Toulon, em consentir em indagar do fato. Eis o que nos respondeu:

“Para me assegurar da verdade, fui à casa dos pais da criança assinalada pelo *Sentinelle Toulonnaise*, de 19 de novembro; vi essa encantadora criança cujo desenvolvimento físico está em relação com a sua idade; ela não tem senão três anos. Sua mãe é professora; é ela que dirige a sua instrução. Ela a interrogou, em minha presença, sobre o catecismo, a história santa desde a criação do mundo até o dilúvio, os oito primeiros reis da França e diferentes circunstâncias relativas ao seu reino e ao de Napoleão I. Pela geografia, a criança nomeou as cinco partes do mundo, as capitais dos países que elas encerram, e várias sedes dos departamentos da França. Também respondeu perfeitamente sobre as primeiras noções da gramática francesa e o sistema métrico. Esta criança deu todas essas respostas sem a menor hesitação, divertindo-se com os brinquedos que tinha nas mãos. Sua mãe me disse que ela sabia

ler desde a idade de dois anos e meio, e assegurou-me que ela pode responder da mesma maneira a mais de quinhentas perguntas.”

O fato livre do exagero dos relatos dos jornais, e reduzido às proporções acima, por isso não é menos notável e importante em suas consequências. **Ele chama forçosamente a atenção sobre os fatos análogos de precocidade intelectual e dos conhecimentos inatos.** Involuntariamente procura-se explicá-los, e com as ideias de pluralidade de existências que circulam, **chega-se a não lhes encontrar solução racional senão numa existência anterior.** É preciso classificar esses fenômenos entre aqueles que são anunciados como devendo, pela sua multiplicidade, confirmar as crenças espíritas, e contribuir para o seu desenvolvimento.

No caso do qual se trata, certamente, a memória parecia desempenhar um papel importante. A mãe desta criança era professora, a pequenina se achava, sem dúvida, habitualmente na classe, e teria retido as lições feitas aos alunos por sua mãe, ao passo que **se veem certas crianças possuir, por intuição, conhecimentos de alguma natureza nativos, e fora de todo o ensino.** Mas por que, nela antes que nos outros, essa facilidade excepcional para assimilar o que

ela ouvia, e que, provavelmente, nem se pensava em ensinar-lhe? É que, o que ela ouvia, não fazia senão despertar nela a lembrança daquilo que sabia. **A precocidade de certas crianças pelas línguas, pela música, pelas matemáticas, etc., todas as ideias inatas, em uma palavra, não são igualmente senão lembranças; lembram-se daquilo que sabiam**, como se vê certas pessoas se lembrarem, mais ou menos vagamente do que fizeram, ou do que lhes aconteceu. **Conhecemos um menino de cinco anos** que, estando à mesa, onde nada na conversação teria podido provocar uma ideia sobre esse assunto, **se pôs a dizer: “Eu, eu fui casado, não me lembro bem disto; tinha uma mulher, pequena, jovem e alegre, e tive vários filhos.”** Certamente, não se tem nenhum meio de controlar a sua afirmativa, mas pergunta-se de onde pôde lhe vir uma semelhante ideia, então que nenhuma circunstância tinha podido provocá-la.

Disto é preciso concluir que as crianças que não aprendem senão à força de trabalho foram ignorantes ou estúpidas em sua precedente existência? Seguramente, não; **a faculdade de se lembrar é uma aptidão inerente ao estado psicológico, quer dizer, ao mais fácil desligamento da alma em certos indivíduos do que em**

outros, uma espécie de visão espiritual retrospectiva que lhes lembra o passado, ao passo que para aqueles que não a possuem, esse passado não deixa nenhum traço *aparente*. O passado é como um sonho do qual se lembra mais ou menos exatamente, ou do qual se perdeu totalmente a lembrança. (Ver *Revista Espírita* de julho de 1860, página 205; id. de novembro de 1864, página 328.)

No momento de imprimir, recebemos de um de nossos correspondentes da Argélia, que, em sua passagem por Toulon, viu a jovem Eugénie Colombe, uma carta contendo o relato seguinte, que confirma o precedente, e que acrescenta detalhes que não são sem interesse:

“Esta criança, de uma beleza notável, é de uma vivacidade extrema, mas de uma doçura angelical. Colocada sobre os joelhos de sua mãe, ela respondeu a mais de cinquenta perguntas sobre o Evangelho. Interrogada sobre a geografia, ela me desenhou todas as capitais da Europa e dos diversos estados da América; todas as sedes dos departamentos franceses e da Argélia; explicou-me o sistema decimal, o sistema métrico. Em gramática, os verbos, os participípios e os adjetivos. Ela conhecia, ou pelo menos definiu as quatro primeiras regras. Ela escreveu sob meu ditado, mas com uma rapidez tal, que fui levado a crer que escrevia medianimicamente. Na quinta

linha ela pousou sua caneta; olhou-me fixamente com seus grandes olhos azuis, dizendo-me bruscamente: ‘Senhor, é bastante;’ depois desceu de sua cadeira e correu aos seus brinquedos.

“Esta criança, certamente, é um Espírito bastante avançado, porque se vê que ela responde e cita sem o menor esforço de memória. Sua mãe disse-me que desde a idade de doze a quinze meses ela sonha à noite e parece conversar, mas numa linguagem que não permite compreendê-la. É caridosa por instinto; atrai sempre a atenção de sua mãe quando percebe um pobre; ela não pode tolerar que se bata nem em cães, nem em gatos, nem em nenhum animal. Seu pai é um trabalhador do arsenal marítimo.”

Só os Espíritas esclarecidos, como os nossos dois correspondentes, podem apreciar o fenômeno psicológico que apresenta esta criança, e dele sondar a causa; do mesmo modo que, para julgar um mecanismo é preciso um mecânico, para julgar os fatos espíritas é preciso ser Espírita; ora, quem se encarrega em geral da constatação e da explicação de fenômenos deste gênero? Precisamente as pessoas que não os estudaram, e que, negando a causa primeira, não podem admitir-lhe as consequências. ⁽⁶⁹⁾ (itálico do original)

Pelos comentários de Allan Kardec vemos que a precocidade de certas ações das crianças mencionadas tem origem em experiências passadas, nas quais aprenderam, ou seja, quando encarnadas como outros personagens adquiriam conhecimentos intelectuais e solidificam os morais.

Conclusão

Com grande surpresa, encontramos algo relacionado ao próprio Codificador do Espiritismo.

Em **Obras Póstumas**, no artigo “Minha missão”, buscando confirmar o que lhe fora dito antes a respeito de sua missão, Allan Kardec pergunta ao Espírito Hahnemann:

Outro dia, disseram-me os Espíritos que eu tinha uma importante missão a cumprir e me indicaram o seu objeto. Desejaria saber se confirmas isso.

Sua resposta foi:

- Sim e, **se observares as tuas aspirações e tendências** e o objeto quase constante das tuas meditações, não te surpreenderás com o que te foi dito. **Tens que cumprir aquilo com que sonhas desde longo tempo.** É preciso que nisso trabalhes ativamente, para estares pronto, pois mais próximo do que pensas vem o dia.
(⁷⁰)

Então, a missão do Codificador foi a de trazer à Humanidade a revelação espírita; entre vários fatores, um deles tem relação direta com as suas aspirações e tendências, provando, portanto, que nossas experiências reencarnatórias são como tijolos na construção do edifício, que hoje somos.

Na presente pesquisa, também nos surpreendeu a quantidade de informações encontradas nas obras da Codificação Espírita, permitindo que o desenvolvimento do tema ficasse bem fundamentado e, com isso, proporcionar uma fácil compreensão.

Em ***Diversidade dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - Vol. I***, no item 8 intitulado “Reencarnação a metro linear” do capítulo “IV – Interação Animismo/Mediunidade”, o pesquisador Hermínio Corrêa de Miranda (1920-2013) disse o seguinte:

[...] embora a individualidade tenha animado diferentes personalidades em épocas diversas, vivendo tipos variados, há sempre um traço comum

entre as personalidades, isto é, **características da individualidade que constituem a base**, a estrutura das diversas vivências. **Não seria admissível uma diferença psicológica tão radical entre personalidades vividas em existências diferentes, se a individualidade é a mesma.** Há sempre traços comuns, sutis, mas perceptíveis ao observador atento, como **conquistas evolutivas já consolidadas** ou, reversamente, impulsos de manifestação inferior ainda não superados. **Traços assim constituem uma espécie de pano de fundo, sempre presente e sobre o qual se movimenta a personalidade em cada uma de suas vidas terrenas.** O processo evolutivo é lento. **Pouco muda em nós de uma vida para a seguinte, especialmente quando esta ocorre em espaço de tempo relativamente curto.** Dificilmente o egoísta, o vaidoso ou o arbitrário da existência anterior virá generoso, modesto ou humilde na seguinte. Ou vice-versa: o ser mais evoluído, ajustado, pacificado não renascerá mesquinho, vulgar, violento na vida subsequente. Há de haver aí certa coerência, ainda que transformações significativas possam ter ocorrido nesse ínterim, resultantes do esforço aplicado em corrigir-se por aqueles que se convencem de que é bom ser bom. Pode ocorrer, ainda, que a pessoa venha programada para uma vida de ignorância

mesmo, sem oportunidade de educação, embora tenha sido um ser de vastíssima cultura em existências anteriores. É certo que encontraremos nele a ignorância, pois não teve condições de ilustrar-se intelectualmente, mas não será difícil identificar, também, evidentes traços de inteligência, a não ser que renasça com graves problemas no cérebro físico.

Dessa maneira, **o mais seguro é rejeitar identificações que não conferem nos traços psicológicos da personalidade**, quando confrontadas umas com as outras. [...]. ⁽⁷¹⁾ (itálico do original)

Essas considerações de Hermínio de Miranda corroboram tudo quanto foi dito na Codificação, razão pela qual, elas merecem reflexão da parte de todos nós.

Da mesma forma que existiram (ou ainda existe?) os “caçadores da arca perdida”, semelhantemente, no meio espírita, encontramos os “caçadores de reencarnações de personalidades”. Esse fato em si, não é um grande problema, já que a reencarnação é um dos princípios basilares do Espiritismo.

O que torna isso fora de propósito é quando não apresentam elementos consistentes de prova com os quais se possa ligar, com absoluta segurança, todos os candidatos envolvidos tomando-se como base a semelhança de tendências de seus supostos personagens anteriores.

Vale este alerta de Hermínio Miranda, inserido em ***Diversidade dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - Vol I:***

Cuidado, pois, com as identificações. É melhor mantê-las sob rigorosa reserva ou até rejeitá-las sumariamente, ainda que possíveis no quadro cármico e psicológico, **do que se entregar a fantasias** que certamente resultarão em prejuízos, mais cedo ou mais tarde. **E nada de procurá-las deliberadamente, ainda mais se por mera curiosidade.** ⁽⁷²⁾

Orientação bem oportuna de Hermínio Miranda, que não é seguida pelos “caçadores de reencarnações.” Aliás, a esses recomendamos nosso ebook **“Aos Espíritos Caçadores de**

Reencarnações” (73), publicado em nosso site: <https://paulosnetos.net>

Por outro lado, isso também demonstra que, apesar desses confrades se apresentarem como profundos conhecedores da Doutrina Espírita, estão bem longe disso, pois apenas elaboram uma lista de personagens sem, entretanto, apresentar todos os fatores proveniente das reminiscências que possam ligá-los uns aos outros, obedecendo, obviamente, ao fato de que *“A cada nova existência, o Espírito dá um passo adiante na estrada do progresso. [...]”* (74) e também que *“A cada encarnação a alma chega mais desenvolvida; traz novas ideias e os conhecimentos adquiridos nas existências anteriores. [...]”* (75)

Ora, os que defendem a tese de que Chico Xavier (1910-2002) teria sido Allan Kardec devem apresentar quais os elementos característicos do médium que dão base à ligação dos dois, levando-se em conta as reminiscências de ambos personagens.

Não se deve jamais menosprezar, mas sempre ter em mente, que os personagens listados devem

apresentem uma ligação evidente entre si, seja por reminiscências, tendências instintivas ou ideias inatas. Julgamos, inclusive, quanto mais próximos forem, mais evidentes essas conexões deverão ser. Além disso, para nós, não faz o menor sentido apresentar um nome que não guarde qualquer traço de seus supostos personagens anteriores.

Referências bibliográficas

- DUBUGRAS, E. **Alasca - As Crenças dos Tlingits**. in. *Planeta Especial Reencarnação*, São Paulo: Editora Três, mai/1985, p. 25-27.
- KARDEC, A. **A Gênese**. Brasília (DF): FEB, 2013.
- KARDEC, A. **Catálogo Racional - Obras Para se Fundar Uma Biblioteca Espírita**. São Paulo: Madras e USE, 2004.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Brasília: FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília (DF): FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília (DF): FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília (DF): FEB, 2013.
- KARDEC, A. **O Que é o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 2001.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1858**. Sobradinho (DF) Edicel, 2009.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1859**. Sobradinho (DF) Edicel, 2010.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1860**. Sobradinho (DF): Edicel, 2011.
- KARDEC, A. **Revista Espírita 1861**. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1863**. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1864**. Araras (MG): IDE, 1993.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1865** (PDF) Brasília (DF): FEB, 2008.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1866**. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. **Revista Espírita 1867**. Araras (SP): IDE, 1999.

MIRANDA, H. C. **Diversidade dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - Vol. I**. Niterói, RJ: Arte e Cultura, 1991.

STEVENSON, I. **Reencarnação: Vinte Casos**. São Paulo: Centro de Estudos Vida & Consciência, 2010.

Periódico:

Planeta Especial, Reencarnação. São Paulo: Editora Três, mai/1985.

Internet:

CAPA,

<https://i.pinimg.com/564x/da/29/10/da2910db7c8a3fd616c47577ecb709b7.jpg>. Acesso em: 16 jul. 2024.

FEB – *Nota Explicativa em razão do TAC*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/feb-nota-explicativa-em-razao-do-tac>. Acesso em: 10 nov. 2024.

- GALLICA, *La guerre du Nizam*, disponível em:
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6113297n>.
Acesso em: 16 jul. 2024.
- INFOWESTER, *Memória RAM e ROM*, disponível em:
<https://www.infowester.com/memoria.php#:~:text=Há%2C%20essencialmente%2C%20duas%20categorias%20de,quando%20não%20há%20alimentação%20elétrica>.
Acesso em: 19 jul. 2024.
- MEU DICIONÁRIO, *Reminiscência*, disponível em:
<https://www.meudicionario.org/reminisc%C3%Aancia>.
Acesso em: 16 jul. 2024.
- SANTOS, J. V. *O que é Frenologia? – História e Influência*, in: *PsyMeet*, disponível em:
<https://www.psymeetsocial.com/blog/artigos/o-que-e-frenologia>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Aos Espíritos Caçadores de Reencarnações*, disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/aos-espiritas-cacadores-de-reencarnacoes-ebook>. Acesso em: 03 ago. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Esquecimento do passado não é apertar a tecla delete*, disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/esquecimento-do-passado-nao-e-apertar-a-tecla-delete>. Acesso em: 19 jul. 2024.
- SILVA NETO SOBRINHO, P. *Reminiscências do passado nunca deixarão de existir*, in: *Revista Semanal de Divulgação Espírita O Consolador* nº 743, 17/10/2021, Londrina (PR), disponível em:
<http://www.oconsolador.com.br/ano15/743/ca7.html>.
Acesso em: 17 jul. 2024.

WIKIPÉDIA, *Massacre da noite de São Bartolomeu*, disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_da_noite_de_S%C3%A3o_Bartolomeu. Acesso em: 16 jul. 2024.

WIKIPEDIA, *Massacre da noite de São Bartolomeu (imagem)*, disponível em:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/40/La_masacre_de_San_Bartolom%C3%A9%2C_por_Fran%C3%A7ois_Dubois.jpg/390px-La_masacre_de_San_Bartolom%C3%A9%2C_por_Fran%C3%A7ois_Dubois.jpg. Acesso em: 16 jul. 2024.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** – Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A Reencarnação Tá na Bíblia*; 6) *Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem)*; 7) *Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso*; 8) *Os*

Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 16) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 17) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 18) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 19) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 20) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 21) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 22) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 23) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 24) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 25) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 26) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 27) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 28) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 29) Haveria Fetos Sem Espírito?; 30) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; 31) Herculano Pires Diante da Revista Espírita; 32) Allan Kardec: sua mediunidade e os fenômenos que protagonizou e 33) A pesquisa de Ernesto Bozzano confirma e complementa a Codificação Espírita.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 INFOWESTER, Memória RAM e ROM, disponível em:
<https://www.infowester.com/memoria.php#:~:text=Há%2C%20essencialmente%2C%20duas%20categorias%20de,quando%20não%20há%20alimentação%20elétrica.>
- 2 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 328.
- 3 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, Cap. VIII – Emancipação da alma, q. 402, p. 207.
- 4 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 79-80.
- 5 SILVA NETO SOBRINHO, *Reminiscências do passado nunca deixarão de existir*, in. *Revista Semanal de Divulgação Espírita O Consolador* nº 743, 17/10/2021, Londrina (PR), disponível em:
<http://www.oconsolador.com.br/ano15/743/ca7.html>.
- 6 SILVA NETO SOBRINHO, *Esquecimento do passado não é apertar a tecla delete*, disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/esquecimento-do-passado-nao-e-apertar-a-tecla-delete>
- 7 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 25.
- 8 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 136-137.
- 9 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 178-179.
- 10 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 189-190.
- 11 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 202.
- 12 KARDEC, *A Gênese*, p. 183.
- 13 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 208.
- 14 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, q. 399, p. 206.
- 15 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 209-210.
- 16 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 21.
- 17 KARDEC, *Revista Espírita 1861*, p. 57.

- 18 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 3.
- 19 Nota de Allan Kardec: Este artigo é extraído de uma obra nova que colocamos neste momento no prelo e que aparecerá antes do fim deste ano [Trata-se de *A Gênese*, cap. I – Caráter da revelação espírita, itens 1 a 55, p. 15-40]. Uma razão de oportunidade nos levou a publicar por antecipação este extrato na *Revista*; apesar de sua extensão, acreditamos dever inseri-lo em uma só vez para não interromper o encadeamento das ideias. A obra inteira será do formato e do volume de *O Céu e o Inferno*.
- 20 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 268-269.
- 21 WIKIPEDIA, *Massacre de São Bartolomeu* (imagem), disponível em:
https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/4/40/La_masacre_de_San_Bartolom%C3%A9%2C_por_Fran%C3%A7ois_Dubois.jpg/390px-La_masacre_de_San_Bartolom%C3%A9%2C_por_Fran%C3%A7ois_Dubois.jpg
- 22 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 234-235.
- 23 WIKIPÉDIA, *Massacre de São Bartolomeu*, disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_da_noite_de_S%C3%A3o_Bartolomeu
- 24 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 236.
- 25 KARDEC, *Revista Espírita* 1860, p. 236.
- 26 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 229-231.
- 27 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 173-174.
- 28 Méry, Joseph (1797-1866), fonte: GALLICA, *La guerre du Nizam*, disponível em:
<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6113297n>
- 29 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 328-330.

- 30 KARDEC, *Revista Espírita* 1864, p. 330-333.
- 31 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 38.
- 32 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 39-40.
- 33 MEU DICIONÁRIO, *Reminiscência*, disponível em:
<https://www.meudicionario.org/reminisc%C3%Aancia>
- 34 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 204.
- 35 KARDEC, *O Livros dos Espíritos*, q. 397, p. 205.
- 36 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 203.
- 37 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 206.
- 38 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, p. 57-58.
- 39 KARDEC, *Revista Espírita* 1858, Edicel, p. 349-350.
- 40 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, Edicel, p. 86.
- 41 KARDEC, *Revista Espírita* 1859, Edicel, p. 124.
- 42 KARDEC, *Revista Espírita* 1863, p. 273-274.
- 43 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 102; KARDEC, *O Céu e o Inferno*, cap. III, item 9, p. 35.
- 44 KARDEC, *Revista Espírita* 1865, p. 76-77.
- 45 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 115.
- 46 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 197-198,
- 47 Quanto o termo “raças”, ver FEB – Nota Explicativa em razão do TAC, disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/feb-nota-explicativa-em-razao-do-tac>
- 48 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 32.
- 49 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, 1993, p. 175-178.
- 50 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 280-282.

- 51 Quanto à expressão “raça negra”, ver FEB – Nota Explicativa em razão do TAC, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/feb-nota-explicativa-em-razao-do-tac>
- 52 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 282.
- 53 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 66-67.
- 54 Em *Catálogo Racional – Obras para se fundar uma biblioteca espírita*, Allan Kardec cita essa obra, ver p. 33.
- 55 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 192.
- 56 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 295-299.
- 57 Título da primeira edição: *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation* (1966). (WIKIPÉDIA)
- 58 STEVENSON, *Reencarnação: Vinte Casos*, p. 312-323.
- 59 DUBUGRAS, *Alasca – As Crenças dos Tlingits*. in. Planeta Especial Reencarnação, p. 27.
- 60 KARDEC, *O Livro dos Médiuns*, p. 186.
- 61 KARDEC, *O Que é o Espiritismo*, p. 198.
- 62 KARDEC, *Revista Espírita* 1861, p. 76.
- 63 SANTOS, *O que é Frenologia? – História e Influência*, in. *PsyMeet*, disponível em: <https://www.psymeetsocial.com/blog/artigos/o-que-e-frenologia>
- 64 KARDEC, *Revista Espírita* 1861, p. 77-78.
- 65 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, p. 159-160.
- 66 KARDEC, *Revista Espírita* 1867, Caráter da revelação, itens 1 a 55, p. 257-279.
- 67 KARDEC, *A Gênese*, p. 16-17.
- 68 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 161-167.

- 69 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 47-50.
- 70 KARDEC, *Obras Póstumas*, p. 309.
- 71 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - Vol. I*, p. 164-165.
- 72 MIRANDA, *Diversidade dos Carismas: Teoria e Prática da Mediunidade - Vol. I*, p. 166-167.
- 73 SILVA NETO SOBRINHO, *Aos Espíritos Caçadores de Reencarnações*, disponível em:
<https://paulosnetos.net/article/aos-espiritas-cacadores-de-reencarnacoes-ebook>
- 74 KARDEC, *O Livro dos Espíritos*, p. 120.
- 75 KARDEC, *Revista Espírita* 1866, p. 3.